

**Luiz Flávio Neubert**

**Atividades diárias e desigualdade social: um estudo sobre o tempo de lazer e o tempo de trabalho remunerado em Belo Horizonte.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Orientadora**

**Prof. Neuma Aguiar**

**Belo Horizonte**

**2006**

*“Todos os homens se dividem, em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia pra si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário ou erudito.”*

(F. Nietzsche)

## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>II. MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
II.1. A Ontologia do Elemento Lúdico X O Lazer Moderno.....	12
II.2. Dumazedier e Elias sobre o “Tempo Livre”.....	13
II.3. Esclarecimentos e definições de conceitos.....	23
II.4. As Relações entre Trabalho e Lazer .....	27
II.5. Notas Sobre Estratificação Social.....	28
II.6. Trabalho, Lazer e Hierarquia Social: A Teoria da Classe Ociosa de Veblen	32
II.7. Gershuny e a “Teoria da Classe Ociosa” Revisitada.....	34
<b>III. OBJETO DE INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>IV. METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>43</b>
IV.1. Pesquisa de Usos do Tempo (Fonte de Dados).....	44
IV.2. Sub-amostras.....	46
IV.3. Quadro Operacional da Pesquisa.....	47
<b>V. ANÁLISE DOS DADOS PARA UM DIA DE SEMANA.....</b>	<b>51</b>
V.1. Tempo de Lazer em um Dia de Semana.....	53
V.2. Tempo de Trabalho Remunerado em um Dia de Semana.....	60
<b>VI. ANÁLISE DOS DADOS PARA UM DIA DE FIM DE SEMANA.....</b>	<b>67</b>
VI.1. Tempo de Lazer em um Dia de Fim de Semana.....	69
VI.2. Tempo de Trabalho Remunerado em um Dia de Fim de Semana.....	76
<b>VII. CONCLUSÕES.....</b>	<b>83</b>
<b>VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>87</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1 – Distribuição dos indivíduos por gênero da sub-amostra para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>46</b>
<b>TABELA 2 – Distribuição dos indivíduos por gênero da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>47</b>
<b>TABELA 3 – Distribuição dos indivíduos por estratos ocupacionais da sub-amostra para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>52</b>
<b>TABELA 4 – Média de tempo de lazer em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>53</b>
<b>TABELA 5 – Teste ANOVA do tempo de lazer como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>54</b>
<b>TABELA 6 – Média de tempo em minutos das sub-categorias de atividades de lazer entre os estratos ocupacionais em um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>56</b>
<b>TABELA 7 – Modelo de regressão linear simples do tempo de lazer como variável dependente e do índice de <i>status</i> sócio-econômico como variável independente para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>59</b>
<b>TABELA 8 – Média de tempo de trabalho remunerado entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>60</b>
<b>TABELA 9 – Teste ANOVA do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>61</b>
<b>TABELA 10 – Teste Bonferroni para comparações múltiplas do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>63</b>
<b>TABELA 11 – Modelo de regressão linear simples do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e do índice de <i>status</i> sócio-econômico como variável independente para um <i>dia de semana</i>.....</b>	<b>65</b>
<b>TABELA 12 – Distribuição dos indivíduos por estratos ocupacionais da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>68</b>
<b>TABELA 13 – Média de tempo de lazer em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>69</b>

<b>TABELA 14 – Teste ANOVA do tempo de lazer como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>70</b>
<b>TABELA 15 – Teste Bonferroni para comparações múltiplas do tempo de lazer como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>71</b>
<b>TABELA 16 – Média de tempo em minutos das sub-categorias de atividades de lazer entre os estratos ocupacionais em um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>73</b>
<b>TABELA 17 – Modelo de regressão linear simples do tempo de lazer como variável dependente e do índice de <i>status</i> sócio-econômico como variável independente para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>75</b>
<b>TABELA 18 – Média de tempo de trabalho remunerado em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>77</b>
<b>TABELA 19 – Teste ANOVA do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>77</b>
<b>TABELA 20 – Teste Bonferroni para comparações múltiplas do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>79</b>
<b>TABELA 21 – Média de tempo de trabalho remunerado em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um <i>dia de fim de semana</i> dividida em sábado e domingo.....</b>	<b>80</b>
<b>TABELA 22 – Modelo de regressão linear simples do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e do índice de <i>status</i> sócio-econômico como variável independente para um <i>dia de fim de semana</i>.....</b>	<b>81</b>

## ***I - INTRODUÇÃO***

O presente trabalho tem o objetivo de analisar como a dimensão da desigualdade social influencia a alocação de tempo em atividades diárias realizadas no cotidiano. Mais especificamente, é uma tentativa de entender como as dimensões do tempo de trabalho remunerado e do tempo de lazer se relacionam com a dimensão da estratificação social.

Este estudo procura, de forma mais geral, colaborar no entendimento de questões que têm rendido um grande debate entre sociólogos e filósofos e que diz respeito à dúvida sobre se estamos vivendo as últimas conseqüências do que se convencionou chamar de “modernidade” ou se experimentamos uma nova era, que poderia ser denominada “pós-modernidade” ou “sociedade pós-industrial”.

É fato que depois da Revolução Industrial ocorrida no século XVIII na Europa, de onde surgiu a nova ordem social chamada de “modernidade”, veio o século XX que comportou mudanças radicais, cujas conseqüências tomaram uma amplitude nunca antes vista em outras épocas da história humana. Entre as novidades, atores sociais, como os jovens e as mulheres, tomaram as rédeas de importantes movimentos sociais que reivindicavam mudanças no âmbito dos valores (Dumazedier, 1976: pp. 40-46), assim como grandes disputas de poder que marcaram a história de vários países, como as duas Grandes Guerras e a Guerra Fria que evidenciaram, antes de tudo, o nível de destruição que o armamento militar atingiu nos últimos tempos (Giddens, 1991b). Além disso, também podemos citar a crescente preocupação com problemas ambientais e ecológicos, conseqüência do crescente uso da tecnologia e do consumo em massa de produtos industrializados (*op.cit.*), assim como a crescente expansão da ideologia neoliberal e do capitalismo, a revisão do papel do estado-nação em um novo contexto de relações internacionais, etc<sup>1</sup>.

O lazer, como fenômeno social, é um importante elemento que compõe as múltiplas dimensões da “contemporaneidade”. Em países desenvolvidos, nos quais o avanço

---

1-Não pretendemos entrar na importante discussão que o tema acima implica. O objetivo deste artigo é menos ambicioso e segue outra direção. Afirmamos, como pressuposto, que de fato estamos vivendo um momento diferente daquele que marcou a era da maquinaria na Inglaterra do século XVIII e dos modos de vida desenvolvidos no século XIX.

tecnológico e científico é convertido em bem-estar para grande parte dos indivíduos e a distribuição da riqueza produzida é mais igualitária, o lazer é uma atividade considerada essencial na vida das pessoas. O que não quer dizer que a dimensão do lazer não é valorizada em sociedades em desenvolvimento.

Segundo De Masi, o valor do trabalho já estaria sendo superado, pois “através do trabalho, o homem realizou a sua condição industrial; através do direito ao ócio, o homem realizará a sua condição pós-industrial” (2001: p.14). O otimismo com que esse autor defende o “ócio criativo” (2001: p.26) tem de ser aceito com reservas, principalmente se queremos tratar do lazer em países em desenvolvimento (como o Brasil).

A comparação entre comportamentos e atitudes em diferentes sociedades ou entre diferentes grupos de uma mesma sociedade é um bom modo de conhecer a diversidade de estilos de vida que compõem a contemporaneidade e que estão intimamente ligados à experiência do lazer. Por esse motivo, é importante o esforço de conhecer o fenômeno do “lazer” a partir de diferentes perspectivas, levando em consideração dimensões como a dos valores, dos hábitos, das práticas, das tradições locais, dos conflitos, divisões, da estratificação, etc. Segundo o próprio Dumazedier, referência nos estudos sobre o lazer, “na condição de sociólogo, sobretudo das sociedades desenvolvidas, pouco teria a dizer sobre as sociedades em vias de desenvolvimento” (1975: p.61)<sup>2</sup>.

Sabe-se que a inserção dos indivíduos no mundo social se dá de diferentes maneiras, dependendo do gênero, da idade, da origem social, dos recursos materiais, simbólicos e culturais em geral, da ocupação principal que o indivíduo exerce, etc. (Bourdieu, 1990, 1983).

Todos esses atributos influenciam a construção da identidade social e, também, a construção do cotidiano. As vinte quatro horas do dia são as mesmas para todos os

---

<sup>2</sup> Pois o processo de modernização varia entre as sociedades, as quais apresentam variados graus de industrialização, desenvolvimento, etc. Segundo Tumin (1970), os países da América Latina, por exemplo, misturam estilos de vida diversos (primitivo, camponês e industrial), assim como confluências de critérios tradicionais e modernos que ditam as regras da estratificação social.

indivíduos; porém, o modo como cada indivíduo se organiza e experimenta as vinte quatro horas é variado, dependendo de certas causas. Como o lazer faz parte do conjunto das atividades diárias realizadas no cotidiano das pessoas, ele também *pode* variar, tanto em qualidade, quanto em quantidade, dependendo de quem o pratica. Baseado nessas premissas é que se construiu o presente problema de pesquisa.

O desenvolvimento da argumentação se dará da seguinte forma: o capítulo II descreve o conjunto de conceitos, teorias e definições acerca do fenômeno do lazer. Além disso, também apresenta discussões sobre a relação entre lazer e trabalho, sobre estratificação social, assim como a relação entre essas três dimensões. Já os capítulos III e IV são dedicados à descrição do problema de pesquisa e à metodologia de investigação (fonte de dados, amostras e quadro operacional). Os capítulos V e VI correspondem às análises dos dados sobre o tempo de trabalho remunerado e o tempo de lazer em um dia de semana e em um dia de fim de semana, respectivamente. O último capítulo VII expõe de forma sucinta as conseqüências do que foi analisado nos capítulos anteriores.

## ***II - MARCO TEÓRICO***

A seguir, serão expostos os conceitos, definições e teorias acerca do fenômeno do lazer na modernidade, assim como a definição desse tipo de atividade em diversas matrizes de pensamento. Dentre elas, o pensamento de Dumazedier e de Elias são de especial importância para estabelecermos as bases do problema de pesquisa (item III deste capítulo). Além disso, serão também apresentadas as teorias que regem sobre a dimensão da estratificação social e sua relação com a organização do tempo em atividades diárias, como o trabalho.

## **II.1. Esclarecimentos e definições de conceitos**

Como é necessário esclarecer as definições com as quais proponho trabalhar, partirei das fontes teóricas mais amplas que regem sobre o fenômeno do lazer e, posteriormente, apresentarei as definições conceituais que serão as bases do processo de operacionalização das variáveis de tempo e estratificação social.

Dumazedier apresenta, entre outras coisas, importantes distinções conceituais, por exemplo, entre lazer e recreação, em sua obra chamada “Questionamento teórico do lazer” (1975: pp. 54-56). Além disso, no mesmo estudo, ele expõe quatro principais definições de lazer e alguns dos principais pensadores que as defendem:

- a) uma primeira definição não se refere a atividades específicas, mas a qualquer atividade do dia-a-dia. O lazer é uma disposição psicológica do indivíduo, uma maneira especial de encarar e exercer as atividades do cotidiano, valorizando o prazer que pode estar presente em qualquer ação que se realiza. Esta definição é pouco produtiva e de difícil verificação empírica, já que depende de aspectos subjetivos, difíceis de serem captados e descritos. Corre-se o risco de perder-se nas consciências individuais e, desse modo, deixa-se de apreciar as características sociais do fenômeno. Corresponde à definição utilizada por S. Riesman e M. Kaplan. Este último, segundo Dumazedier (*op. cit.*), não mais defende esta posição atualmente.

- b) a segunda definição de lazer corresponde ao tempo fora do trabalho. Inclui no leque de opções do lazer as obrigações institucionalizadas da família, sócio-espirituais e sócio-políticas. Segundo Dumazedier (*op. cit.*), J. Fourastié, assim como economistas como Keynes e Karl Marx definem lazer desse modo, significando a mesma coisa que “tempo de não-trabalho”. Tal definição revela a importância que o fenômeno do trabalho tem nas obras desses pensadores. Obviamente, é pouco sofisticada por não reconhecer as características próprias de outras esferas da vida social que, de alguma forma, tiveram importância na formação do “lazer” enquanto fenômeno social da modernidade.
- c) A terceira definição exclui do grupo das atividades de lazer não só o trabalho, mas também as obrigações familiares. O tempo dedicado às atividades sócio-políticas e sócio-espirituais é ainda incluído no grupo de atividades de lazer. Segundo Dumazedier (*op. cit.*), os usuários desta definição confundem lazer e tempo livre. Uma obra importante que faz uso de tal definição corresponde ao maior estudo de orçamento de tempo já realizado comparando vários países (Szalai, 1972). No mesmo estudo, é exposta toda a metodologia para a classificação das atividades diárias, além do próprio método para a realização de pesquisas sobre usos do tempo.
- d) Por fim, a definição com a qual pretendo elaborar meus estudos sobre lazer é a que o próprio Dumazedier defende. Ela exclui do grupo de atividades de lazer tanto o trabalho, quanto as obrigações familiares, as obrigações sócio-políticas e as obrigações sócio-espirituais. Há uma diferença de *significado* entre essas atividades e as do lazer para a sociedade. Ainda de acordo com esta definição, a recreação não corresponde a um grupo de atividades, mas a uma das funções do lazer, como fora exposto antes.

Dumazedier ainda faz distinções importantes entre *tempo ocioso*, *tempo desocupado*, *tempo liberado* e *tempo livre* (*op. cit.*: pp.57-58): o primeiro é a negação do trabalho, já o segundo é o tempo de desemprego, que pode ser resultado da incapacidade da economia de oferecer postos de trabalhos para todos aptos a tanto (como é comum nas sociedades em desenvolvimento) ou como consequência do emprego cada vez maior de tecnologia que substitui a mão-de-obra humana, diminuindo os custos de produção (como é comum nas

sociedades avançadas). Já o terceiro conceito corresponde ao tempo liberado pela estrutura de produção que é capaz de produzir mais com menos trabalho. O último conceito, o de *tempo livre*, é resultado da soma do tempo liberado do trabalho com o tempo liberado das obrigações familiares e domésticas. Por fim, o *lazer* é o tempo que sobra do total de tempo livre excluindo dele as obrigações sócio-políticas e sócio-espirituais.

Brightbill segue um caminho semelhante ao de Dumazedier ao afirmar que o lazer, definido como um bloco de tempo não-ocupado, corresponde ao tempo livre ou excedente usado para descansar ou fazer o que se quer (1960: pp.4-5). As atividades desenvolvidas nesse bloco de tempo exclui as que garantem a existência do organismo, como cuidados com corpo, sono, alimentação, etc., ou as que garantem a subsistência, como trabalhar, estudar, contratar serviços, etc. Já seguindo idéias semelhantes às de Elias e do próprio Dumazedier, Brightbill diz que no lazer as obrigações e coerções sociais são sentidas minimamente (*op.cit.*).

Segundo outra estudiosa do tema, L. Gaelza, as definições sobre o lazer podem ser divididas em três tipos: lazer como *tempo*, como *atividade* e como *atitude* (1979: pp.45-54). Na primeira definição, lazer é uma consequência da evolução tecnológica e do progresso científico, assim como da conquista da jornada de trabalho de oito horas por dia; já de acordo com a segunda definição, lazer pode ser o tempo em férias, o trabalho voluntário, a prática de esportes, jogos de azar, leitura de jornal, conversa fútil, etc., ou seja, atividades que não visam a obtenção de ganhos materiais e estão às margens das obrigações institucionais, visando a auto-satisfação do indivíduo; a última definição é uma questão de valores, do uso construtivo do tempo livre. O indivíduo pode, de acordo com esta última definição, desenvolver um estilo de vida próprio, mesmo no que diz respeito à realização do trabalho. Nesse caso, criatividade e prazer se unem para fazer até mesmo do trabalho uma atividade interessante para o indivíduo.

Essa última idéia é próxima à que Domenico De Masi profetiza em sua defesa do *ócio criativo* (2001). Como apontam os defensores desta definição, uma atividade pode ser trabalho para uns e lazer para outros, dependendo da disposição, do prazer, etc. com que os

indivíduos realizam a atividade. Esta perspectiva sobre o lazer também é chamada de “fusão”, que é o oposto de outra perspectiva, que defende que há uma relação de “polaridade” entre trabalho e lazer (Parker,1978: p.86). Segundo o argumento defendido pela primeira perspectiva, cada vez mais o trabalho e o lazer se confundem, pois o lazer é cada vez mais usado para os fins do trabalho (pense nos administradores de negócios que utilizam o tempo de lazer para progredir em suas carreiras; na prática de esportes, que mesmo sendo realizados de forma amadora requerem treinamento e disciplina; ou em trabalhos artísticos que envolvem criatividade, imaginação, liberdade, etc.).

As fronteiras entre lazer e trabalho (e entre lazer e outras atividades diárias) podem ser pouco nítidas não pelo fato de os indivíduos, subjetivamente, confundirem uma atividade com a outra. A confusão deriva do fato de o lazer fazer parte de um conjunto de atividades mais amplo, sendo pouco cuidadoso afirmarmos que esta é uma prática isolada e distante de todas as outras<sup>3</sup>. O lazer como fenômeno social estabelece relações com todas as outras atividades que desenvolvemos no cotidiano, não só com o trabalho profissional e a ocupação remunerada, mas com as tarefas domésticas, os cuidados com a família, a religião, atividades participativas e de engajamento político, etc<sup>4</sup>.

A teoria de Elias (1992) sobre o esporte e o ócio no processo civilizador desfaz muitas das dúvidas suscitadas no processo de teorização do “lazer” quando ele determina os graus de rotinização que as atividades cotidianas engendram. O trabalho profissional, assim como os

---

<sup>3</sup> Para uma introdução à discussão teórica sobre o conceito de “lazer” e outras definições correlatas ver Gomes, 2004: pp.119-125.

<sup>4</sup> Não é possível negar que diferentes indivíduos podem interpretar as atividades de várias formas, até mesmo confundirem trabalho e lazer. Entretanto, tal definição diz pouco sobre a natureza peculiar de *cada atividade*. Para expormos a confusão gerada por essa perspectiva, podemos pensar que o contrário também seja verdade: para alguns uma atividade que exija esforço pode ser interpretada como sendo trabalho e, sendo assim, uma atividade de lazer, por ser séria e exigir disciplina, ela será equivalente a uma atividade de trabalho em todos os seus aspectos. Porém, levar uma atividade a sério e se esforçar para realiza-la não quer dizer que a mesma equivalha a “trabalho”.

cuidados com a casa e a família exigem dos indivíduos a mais alta dose de controle emocional e de disciplina. Também podemos lembrar do crescente controle do tempo e do aumento do senso de disciplina na atividade de trabalho, fato amplamente discutido por Thompson (1998). Se levarmos em conta tais pressupostos, podemos, enquanto analistas e pesquisadores, traçar as diferenças entre os conjuntos de atividades, destacando, assim, o conjunto referente ao lazer.

## **II.2. A Ontologia do Elemento Lúdico X O Lazer Moderno**

Poderíamos dizer que existem duas concepções principais que tratam do lazer: uma das concepções que pode ser inferida a partir da obra “*Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*” (1971), na qual Johan Huizinga traça o perfil cultural do jogo começando pelo elemento lúdico presente entre os animais. O jogo, nesta concepção, é uma atividade que possui uma *função significante*, que a distingue das outras atividades cotidianas no caso dos seres humanos e mesmo até dos animais. As principais características do jogo são o fato de ele ser uma “ilusão”, na medida em que se evade da vida real para a realização de uma atividade que é um fim em si mesma. Relacionado à primeira característica, o jogo se situa fora das satisfações imediatas da vida, tendo a função de afirmar a vida cotidiana na medida mesmo em que esta é negada durante um determinado período de tempo; o jogo é limitado e isolado no tempo e no espaço, possuindo uma teleologia própria em relação às demais atividades. Esta concepção pressupõe que a dimensão lúdica é um elemento comum entre as diversas culturas, sejam elas mais ou menos desenvolvidas técnica ou intelectualmente. Huizinga vai mais longe ao afirmar que o elemento lúdico é a base para a construção cultural e simbólica dos grupos humanos.

Outra concepção (referência para este estudo) são as idéias elaboradas pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier, para o qual “lazer” é o “conteúdo do tempo orientado para a realização da pessoa como fim último” (1979: p.91). Dumazedier entende o lazer como um fenômeno moderno, vinculado à construção eminentemente moderna da idéia de “individualidade”, um novo valor social que fora traduzido por um novo direito social, qual seja, do indivíduo dispor de uma determinada quantidade de tempo para a auto-satisfação.

Apesar das analogias que podem ser feitas entre as duas concepções apresentadas, elas guardam importantes distinções. O tempo livre presente em sociedades pré-industriais não corresponde a uma necessidade individual, mas é resultado do acaso, muitas vezes indesejado. O tempo sem trabalho não é, portanto, consequência de uma escolha, já que é resultado das variações climáticas que favorecem ou não a produção agrícola. Além disso, as festas e rituais nessas sociedades também obedecem a um calendário submetido às variações sazonais (Sue, 1992: pp.18-19). No contexto europeu do século XIX, na medida em que o trabalho assalariado nas fábricas foi surgindo, os camponeses trocaram o trabalho descontínuo do campo pelo trabalho permanente nas cidades (Thompson, 1998). O trabalho, neste momento, tem uma forte preponderância sobre a vida dos indivíduos, restando aos trabalhadores (fora do tempo de trabalho) apenas o tempo necessário para a reprodução da força de trabalho. A idéia defendida pelos economistas do século XIX de que a acumulação de capital era necessária ao desenvolvimento econômico colaborou com a origem de uma moral do trabalho, herdeira de uma vertente do puritanismo protestante, como demonstrou Max Weber (2001), a qual impôs uma rígida jornada de trabalho em nome do progresso. O trabalho como dever moral, ligado à salvação dos crentes, negava o ócio tanto do ponto de vista econômico, como moral, pois incitava o consumo ou facilmente se degenerava, levando ao vício e à delinquência (algo que em uma sociedade baseada na produção e no acúmulo não era visto com bons olhos) (Sue, 1992: p.20).

### **II.3. Dumazedier e Elias sobre o “Tempo Livre”**

Tendo descrito duas diferentes abordagens sobre as origens do tempo livre e do elemento lúdico (por enquanto, uso indiscriminadamente expressões como “ócio”, “tempo livre” e “lazer”, que serão definidas mais precisamente adiante), agora trato do conceito de “lazer” na perspectiva sociológica que me interessa. Sobre o lazer moderno (que é o meu objeto de análise), duas concepções são bastante frutíferas e entendo que elas se completam em muitos pontos importantes. Uma delas, já citada, é a elaborada por Joffre Dumazedier (1979, 1976, 1975, 1994); a outra foi elaborada por Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Estes últimos tratam dos costumes e comportamentos desenvolvidos no que eles chamam de “processo civilizador”, resultado de várias ações desenvolvidas no curso da história e

que adquirem certa amplitude através das redes sociais. Já Dumazedier bebe na fonte marxista ao elaborar sua teoria sociológica, na qual o eixo principal de desenvolvimento do lazer moderno (chamado por ele simplesmente de lazer, já que este é um fenômeno exclusivamente moderno) são as forças produtivas e os movimentos sociais que libertaram homens e mulheres de muitas de suas obrigações institucionalizadas<sup>5</sup>.

Apesar da forte influência da teoria marxista em seus estudos sobre o lazer moderno, ele não resume o surgimento do fenômeno simplesmente ao aspecto econômico, como é comum a algumas vertentes do marxismo.

Apresentarei o modo como cada autor traça o perfil do *tempo livre* e, posteriormente, apontarei as semelhanças e desencontros entre eles. Começo por expor a “sociologia das emoções” e sua conexão com o Processo Civilizador. Para Elias, este processo tem como resultado, para o indivíduo, um movimento na personalidade que pode ser melhor compreendido se compararmos as atitudes e comportamentos entre adultos e crianças. A exteriorização das emoções fortes, dos impulsos, dos desequilíbrios e das paixões, é tolerada entre as crianças, mas não entre os adultos. Percebe-se a herança freudiana no trabalho de Elias, já que aponta o processo de socialização sofrido pela criança como marca fundamental da passagem da infância para a fase adulta, na qual as imposições e restrições aos impulsos atingem seu auge: o auto-controle é internalizado, e mais, automatizado.

Nas sociedades tradicionais as atividades religiosas, festas e rituais cumpriam o papel de educar os sentimentos e as emoções através da liberação das restrições e proibições em um determinado espaço de tempo. Nas sociedades industrializadas, altamente complexas e diferenciadas (por esse motivo mesmo obrigam os indivíduos a experimentarem maiores graus de restrição e de auto-controle, principalmente em atividades como o trabalho profissional), a necessidade de organização e coordenação entre as atividades dos vários indivíduos levou a um maior auto-controle individual. As atividades recreativas, portanto, teriam a função de livrar os indivíduos da tensão causada pelo excesso de auto-contenção e auto-controle.

---

<sup>5</sup> Sobre a ocorrência histórica do lazer e perspectivas teóricas sobre o assunto, ver Gomes, 2004:pp.132-141.

Outra questão importante é o fato de as atividades diárias terem como marco de referência os “outros” ou o próprio indivíduo. Em atividades como o trabalho profissional, o primeiro tipo é recorrente; já as atividades recreativas coincidem com o segundo tipo. Os indivíduos, ao escolherem as atividades recreativas, levam em conta principalmente o prazer e a satisfação, dentro dos limites aceitos pela coletividade. Outra diferença entre as atividades “voltadas para outros” e as atividades exercidas tendo em vista o próprio indivíduo é o fato das últimas cumprirem uma “função des-rotinizadora” (1992: p.135), em contraste com as atividades que comportam graus variados de “rotinização”. As rotinas carregam em si um alto grau de “segurança”, previsibilidade, e as atividades recreativas têm como função introduzir na vida dos indivíduos certos momentos de insegurança, de tensão (como no jogo) e de liberação das emoções, como que tornando suportável a realização das atividades mais altamente rotinizadas, portanto, mais auto-controladas e disciplinadas. Tais classes de atividades (rotinizadoras e des-rotinizadoras) cumprem duas funções distintas entre si, como dito acima: funções para os próprios atores e funções para as outras pessoas (1992: p.141). Daí se conclui que as atividades não-recreativas sempre demandam alto grau de controle emocional (por isso esta classe de atividades é mais rotinizadas), já que a consideração face a outros é necessária à realização da interdependência das atividades.

A ampla interdependência das atividades desenvolvidas pelos indivíduos nas redes sociais é característica de um projeto civilizatório de longo prazo que traz consigo um importante ator social mantedor e reproduzidor da ordem, o Estado. Nesse contexto, as atividades recreativas ajudam a diminuir os efeitos da extrema rigidez do auto-controle consciente e inconsciente através de uma “regressão socialmente permitida” (1992: p145) ao comportamento infantil, o que permite o indivíduo adulto viver, na vida adulta, emoções e sentimentos característicos da vida das crianças, tendo como resultado um “equilíbrio” das tensões.

Tendo em vista os elementos apontados acima, Elias elabora um “espectro do tempo livre” da maneira descrita a seguir (1992: pp.123-125):

Primeiro, ele define as rotinas do tempo livre:

- (1) *satisfação rotineira das necessidades e cuidados do próprio corpo* (tomar banho, comer, dormir, etc.);
- (2) *rotinas da casa e da família* (cuidado com os filhos, arrumação da casa, compra para a casa, etc.);

Em segundo lugar, ele define as atividades intermediárias do tempo livre que tendem a satisfazer as necessidades de auto-realização e expansão:

- (3) *trabalho voluntário privado (não-ocupacional) realizado principalmente para o outro* (participar dos assuntos da localidade);
- (4) *trabalho privado (não-ocupacional) realizado principalmente para si mesmo, de natureza relativamente séria e frequentemente impessoal* (estudar individualmente com a intenção de progredir no trabalho, trabalhos técnicos em geral, sem um valor ocupacional, mas que requerem conhecimento, prática, etc.);
- (5) *trabalho privado (não-ocupacional) realizado principalmente para si mesmo, de natureza mais ligeira e que implica menos exigências* (hobbies, como fotografia, coleção de selos, etc.);
- (6) *atividades religiosas*
- (7) *atividades de orientação de natureza mais voluntária, menos controladas socialmente e freqüentemente casuais* (atividades mais ou menos sérias ou entretidas de obter conhecimento, como ler periódicos e revistas, assistir programas educativos, etc.)

Em terceiro lugar, as atividades recreativas:

- (8) *atividades pura ou principalmente sociais* (participar de reuniões sociais como bodas, casamentos, enterros, encontros em bares, festas familiares, etc.);
- (9) *atividades miméticas, ou de jogo* (atividades em que a des-rotinização e o alívio das tensões se realizam através, principalmente, dos movimentos do corpo; participar como espectador de uma peça de teatro ou de uma partida de futebol ou em atividades miméticas menos organizadas, como alpinismo);

(10) *atividades recreativas variadas e menos especializadas, em sua maioria de agradável índole des-rotinizadora e com frequência multifuncionais* (viajar nas férias, comer fora de casa, tomar sol, passear, ficar deitado descansando, etc.)

Algumas atividades realizadas no tempo livre que foram descritas têm a natureza de um trabalho, mesmo que diferente do trabalho profissional; muitas são de caráter mais voluntário, mas nem todas; nem todas são prazerosas e algumas estão altamente rotinizadas. Portanto, só é possível entender as características específicas das atividades recreativas quando se tem em vista não só a relação destas com o trabalho profissional, mas também com as diversas atividades não-recreativas realizadas no tempo livre. O grau de rotinização das atividades na classificação acima, importante para diferenciá-las entre si, varia da seguinte forma: o trabalho, em geral, está altamente rotinizado, como as atividades classificadas na primeira categoria (itens 1 e 2), um pouco menos as atividades da 2ª classe (itens 3 a 7) e nulo nas atividades incluídas na 3ª classe (itens 8 a 10). As atividades mais rotinizadas também apresentam a característica de serem realizadas tendo em vista os outros, ou seja, tendo em vista a rede de interdependência formada pelos indivíduos; já as atividades pouco ou nada rotinizadas têm como fim a satisfação do próprio indivíduo que as realiza.

Agora, tratemos do conceito de tempo livre elaborado por Dumazedier e sua ligação com o conceito de lazer na modernidade. Ao contrário de autores que acreditam que o lazer existiu em todas as épocas (como Huizinga, citado acima, e De Grazia, *apud*. Dumazedier, 1979: p.26), Dumazedier defende que o tempo de trabalho e não trabalho podem ser antigos, entretanto, o lazer só surgiu efetivamente na civilização pós-Revolução Industrial. Nas sociedades arcaicas, o trabalho e o jogo estão integrados às festas e a oposição entre essas duas atividades é inexistente, pois tanto o trabalho como o jogo, assim como a festa, estão diretamente ligados à idéia de comunidade, à celebração do mundo dos ancestrais e da tradição. Já nas sociedades pré-industriais (agrárias) o tempo de trabalho está diretamente ligado aos ciclos naturais e os períodos de pausa que não equivalem ao lazer, mas a um “tempo desocupado”, que corresponde ao período entre safras, ocupado com cerimônias e

jogos, etc. Esse período de tempo não pode ser considerado como lazer, pois não supõe o trabalho, mas sim, a ausência (forçada) dele <sup>6</sup>.

Mas o desenvolvimento técnico-científico, relacionado principalmente à produção social de bens, que atingiu um patamar relativamente único na Revolução Industrial, principalmente no século XVIII e estendendo-se ao século XIX, teve como consequência uma relativa regularização dos ciclos de trabalho e a tendência rumo à independência com relação aos fenômenos naturais. Tais mudanças ligadas à produção social e à divisão do trabalho ocorreram em um contexto urbanizado e de explosão demográfica, o que gera alguns problemas particulares para esse tipo de composição social.

Em meio a esse processo, o tempo de trabalho passou a ser cronometrado, quantificado e transformado em mercadoria posta à venda em troca de salários (Thompson, 1998). Além disso, as crescentes descobertas nas áreas das ciências médicas, da farmacologia, da nutrição, etc. permitiram um prolongamento da expectativa de vida das pessoas, assim como o advento da Previdência Social permitiu um fim de vida sem trabalho (a aposentadoria na terceira idade) (Demasi, 2001 & Dumazedier, 1979).

Outras transformações acompanharam o desenvolvimento do lazer na modernidade e foram de suma importância para entendermos o surgimento deste tipo de atividade. Pode-se citar, por exemplo, os movimentos operários do século XIX, que tiveram como um dos resultados a regulamentação e posterior diminuição da jornada de trabalho. Outras transformações de cunho social ocorreram, como o crescente processo de laicização que paulatinamente foi diminuindo o poder de grupos religiosos sobre as pessoas, assim como as lutas contra poderes políticos absolutistas e, posteriormente, contra estados totalitários. Os movimentos sociais que marcaram o século XX (os chamados “novos movimentos sociais”), que tinham como principais atores os jovens e as mulheres, também fizeram parte do conjunto de fatos aqui descritos e tiveram como consequência a liberação dos membros

---

<sup>6</sup> Essa característica ainda existe em localidades rurais onde predomina a atividade agrícola, nas quais grande parte da produção ainda depende dos ciclos naturais, não sendo, portanto, marcadas pela constância da produção que é peculiar à produção industrializada. (Aguiar, 1980).

das famílias de várias obrigações que impunham severos limites às escolhas individuais. O crescente desenvolvimento tecnológico (geladeira para manter o alimento armazenado por mais tempo, o fogão a gás ou elétrico e o microondas que permitiam menor tempo no preparo de alimentos, máquinas de lavar louças e roupas, o ferro elétrico, o aspirador de pó, etc. que substituíram o trabalho manual) também permitiu a diminuição do tempo gasto com os cuidados com a casa, assim como o surgimento de instituições de ensino que, desde então, cumprem parte da função socializadora, antes restrita à instituição familiar. A etapa posterior do desenvolvimento deste processo pode ser observada nas sociedades chamadas pós-industriais, nas quais o estado avançado das forças produtivas possibilitou os mais elevados índices de produção e cuja maioria das pessoas ativas não se encontra no setor agrário nem no industrial, mas no setor de serviços (Dumazedier, 1979; Demasi, 2001).

O lazer é, portanto, resultado de dois movimentos: em primeiro lugar, ele é definido negativamente, tendo em vista a diminuição do tempo gasto com o trabalho profissional, com os cuidados com a família e com a casa, com as obrigações sócio-políticas e sócio-espirituais, processo esse que resultou em uma proporção de tempo livre que em parte foi revertida em lazer do fim do dia, do fim de semana, das férias e do fim da vida (terceira idade); em segundo lugar, o tempo livre só pode ser compreendido como lazer quando parte dele é dedicada exclusivamente às atividades que visam, em primeiro lugar, a satisfação do próprio indivíduo que as realiza. Portanto, um novo valor social transformou a natureza de parte do tempo livre em um tempo que o indivíduo possui, por direito, para libertar-se das obrigações institucionalizadas e dedicar-se a si mesmo. Não que a liberdade experimentada no lazer signifique anulação dos condicionamentos sociais, mas sim, expressa uma livre escolha do indivíduo que só é permitida dentro de certos períodos restritos de tempo.

Lazer é, nesta definição, o “único conteúdo de tempo orientado para a realização da pessoa como fim último” (Dumazedier, 1979: p.90). Não é resultado de uma escolha individual, mas de uma evolução econômica e social traduzida no direito da pessoa de dispor de um tempo para ela mesma.

Dumazedier propõe a distinção de 4 períodos de lazer: o *lazer do fim do dia*, o *lazer do fim de semana*, o *lazer de fim de ano* e o *lazer do fim da vida* (1979: p.92). Além disso, ele aponta três funções do lazer na vida dos indivíduos (1976: pp.32-34):

- (a) *descanso*: o lazer liberta das fadigas e desgastes fisiológicos provocados pelas obrigações cotidianas, principalmente o trabalho;
- (b) *diversão, recreação e entretenimento*: esta função está ligada à necessidade de ruptura com a rotina maçante imposta pelas obrigações;
- (c) *desenvolvimento da personalidade*: esta função permite uma participação social mais livre, uma prática cultural desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão.

Neste momento, já é possível traçarmos algumas semelhanças e diferenças entre as definições de tempo livre entre Elias e Dumazedier. Elias, por exemplo, critica o próprio Dumazedier e outros sociólogos que insistem em desenvolver suas definições de lazer como uma atividade que serve de apêndice ao trabalho, o que revelaria a importância e o valor sagrado que essa instituição (a do trabalho) ainda expressa na contemporaneidade. O lazer é definido como um meio para a realização de um fim: o de aliviar as pessoas das tensões causadas pelo trabalho e aumentar, assim, sua capacidade de produção. O lazer, para Dumazedier, não nega o trabalho como o faz a ociosidade, mas o supõe (1979: p.28). É resultado, como vimos, da evolução histórica da relação entre o ser humano e a natureza e entre os próprios seres humanos em luta por direitos e privilégios.

Contrariando Elias, podemos afirmar que Dumazedier não só tem em vista o trabalho profissional ao definir o lazer, mas também o trabalho doméstico de cuidados com a casa e com a família, assim como as outras obrigações institucionalizadas, as quais Dumazedier chama de obrigações sócio-políticas e sócio-religiosas (1975: pp.56-57).

Outra diferença importante entre os conceitos de ambos os pensadores, mas que é uma questão simplesmente de definição de termos, é o fato de a expressão “tempo livre” apresentar diferentes conotações. Para Elias, tempo livre corresponde às atividades que não

o trabalho profissional. Já para Dumazedier, o tempo livre é resultado de transformações históricas que correspondem à diminuição do tempo dedicado ao trabalho, à família e à casa, às obrigações sócio-políticas e espirituais, etc. Enquanto Dumazedier define lazer em oposição às obrigações institucionais que foram perdendo preponderância ao longo do processo de transição entre as sociedades tradicionais e modernas, Elias traça um retrato das atividades diárias e as diferencia utilizando-se de dois quesitos: de acordo com o grau de rotinização (ou des-rotinização) que as atividades engendram e se o sentido da realização destas são orientadas prioritariamente aos outros ou para si mesmo.

No geral, apesar de percorrerem caminhos diversos, Elias e Dumazedier chegam a conclusões próximas, como ao afirmarem o caráter libertário que o lazer (ou as atividades recreativas) expressa em vista das obrigações, restrições e limites impostos pela organização social, pela divisão do trabalho, instituições de poder religiosas e/ou políticas, etc. Portanto, ambos os autores admitem um elemento funcional em relação à sociedade (no caso de Dumazedier) ou configuração social (no caso de Elias), presente nas atividades de lazer e/ou recreativas. Mas é importante salientar que, para Dumazedier, a razão de ser do lazer moderno não é mais o funcionamento de uma instituição (ou comunidade, tradição, etc.), mas sim, a realização individual.

Segundo Dumazedier, os processos históricos importantes para o desenvolvimento de sua teoria correspondem ao progresso técnico-científico, assim como as lutas sociais e o processo de laicização vivido pelas principais instituições. Já Elias demonstra maior atenção aos processos históricos que explicam a formação da personalidade e da consciência individual no processo civilizador, ou seja, formas de agir que são transmitidas entre os membros de um grupo social através da socialização das crianças. Nas sociedades mais avançadas, portanto mais complexas, organizadas e diferenciadas em seu núcleo, mudanças nas estruturas sociais e de personalidade, que acompanharam o desenvolvimento do Estado, tiveram como resultado um auto-controle interior e exterior cada vez maior por parte dos indivíduos. Esse fenômeno, como disse antes, é resultado do processo de socialização, da entrada da criança no mundo simbólico dos adultos. Ao nos tornarmos

adultos, todos nós internalizamos e automatizamos atitudes e comportamentos que consideramos naturais, dado o caráter inconsciente que apresentam.

Podemos concluir que, apesar de algumas aproximações, ambos os autores entendem e explicam a modernidade enfocando dois aspectos diversos: Dumazedier entende que esse período se caracteriza basicamente pelo caráter libertador, em oposição às amarras impostas pela tradição e ao peso que a comunidade/grupo e a natureza exerciam sobre a vida do grupo social. O lazer moderno é, portanto, a expressão do novo fenômeno do “individualismo” (1994: pp.188-190), que caracteriza um tipo de liberdade conquistada somente na modernidade e que toma forma na prática do lazer. Já Elias aponta outra direção ao demonstrar que as sociedades mais avançadas são marcadas não só pelo surgimento do “eu” e da individualidade, mas que esse processo é resultado de restrições e limites interiorizados e automatizados pelos indivíduos durante o processo de socialização e de formação da personalidade. As restrições e limitações impostas aos indivíduos pelo processo civilizador são mais evidentes em atividades que requerem maior auto-controle dos impulsos e emoções, pelo fato destas atividades estarem principalmente orientadas aos outros (como o trabalho profissional); mas as restrições são quase nulas nas atividades recreativas, que como uma espécie de compensação, exigem pouco ou nenhum auto-controle e permitem que o indivíduo “suporte” a realização das atividades altamente “rotinizadas” (como o trabalho profissional, trabalho doméstico, etc.).

Mesmo que as idéias dos dois pensadores não coincidam completamente, elas se complementam. Nesse sentido, podemos afirmar que a modernidade é marcada por um paradoxo, já que ao mesmo tempo em que ela é libertadora, é extremamente restritora. Libertadora porque as sociedades industrializadas, principalmente as mais avançadas, atingiram um nível satisfatório de controle da natureza e os indivíduos não vivem mais sob a tutela de um único grupo social, da tradição, de uma elite religiosa ou de um poder absolutista. Mas, por outro lado, o Estado é a principal instituição de controle social nas sociedades industrializadas, cumprindo a função de limitar as ações dos indivíduos, assim como estes, ou pelo menos a maioria deles, estão submetidos a um sistema de produção e de consumo capitalista que foge ao controle dos próprios participantes do processo, como

Marx bem demonstrou ao tratar do fenômeno do fetichismo (Marx, 1996). Como esse não é o tema a ser tratado aqui, somente justifico que as duas visões, a de Dumazedier e a de Elias, não se antepõem, mas antes, esclarecem diferentes perspectivas de uma mesma realidade, que é por si mesma paradoxal e diversa.

#### **II.4. As Relações entre Trabalho e Lazer**

Para estabelecer uma relação teórica entre as dimensões do lazer e do trabalho, exponho abaixo as idéias de dois autores que tratam do tema, quais sejam, Stanley Parker (1978) e o próprio Joffre Dumazedier (1979).

Parker aponta três abordagens principais sobre a relação entre trabalho e lazer. A primeira afirma que o trabalho é a parte importante da vida e que o lazer é algo secundário. Para uma segunda abordagem, o lazer é o objetivo principal da vida e o trabalho é o meio para essa realização. Por fim, a última abordagem defende uma relação mais integrada entre as duas atividades. Segundo a última abordagem, cada vez mais elas se relacionam, assim como na labuta do artista e do artesão, que trabalham e brincam ao mesmo tempo (1978: p. 80). Sobre a influência que o trabalho exerce sobre o lazer, a primeira atividade determina quanto tempo sobra para a última, assim como a natureza da primeira pode determinar a quantidade e a natureza da última.

Dumazedier (1979) também classifica a relação entre trabalho e lazer seguindo duas perspectivas socialistas sobre a sociedade, quais sejam, a defendida por Karl Marx e a defendida por Paul Lafargue (1980). Para o primeiro, o trabalho é a primeira necessidade do homem, portanto o lazer é considerado como o tempo de recuperação necessário para outro dia de labuta. O lazer, portanto, cumpre sua função em relação às necessidades de produção e reprodução do capital. Para o segundo pensador, os benefícios gerados a partir dos avanços na tecnologia e nas ciências deveriam liberar cada vez mais os seres humanos do trabalho, possibilitando-os a desfrutar do direito à preguiça.

Servindo-se de dados de pesquisas e enquetes realizadas em Paris/França (1979: pp.131-146), Dumazedier realizou análises multivariadas que utilizaram as seguintes variáveis:

- a) variáveis controle: idade e categorias sócio-profissionais (que chamarei de “ocupação”);
- b) variáveis independentes: atitude face ao trabalho;
- c) variáveis dependentes: atividades de lazer.

Um dos principais objetivos da investigação empreendida por Dumazedier (*op. cit.*) é conhecer como as diferenças sociais e as outras atividades diárias, principalmente o trabalho, afetam a experiência do lazer nas diversas classes sociais. É pressuposto que, controlando-se as categorias sócio-profissionais, controla-se igualmente a renda, o grau de instrução e o *status* social.

Uma das conclusões foi que “(...) a diversificação entre gêneros e níveis culturais de lazeres depende muito mais da pertinência a uma categoria sócio-profissional do que à pertinência a uma categoria de idade” (1979: p.144).

## **II.5. Notas Sobre Estratificação Social**

Se o lazer é um fenômeno peculiar do período moderno, devemos encontrar as características próprias da composição social presente neste período histórico, trazendo à tona, também, os elementos contemporâneos que delineiam a estratificação social nas sociedades ocidentais atuais.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A conhecida discussão entre o neomarxista Wright (1985) e o neoweberiano Goldthorpe (1993). Enquanto o primeiro se propõe a atualizar a teoria de classes para dar conta da crescente classe dos administradores e da classe-média, o segundo construiu um esquema de classes baseado na estrutura ocupacional, privilegiando elementos como a situação no trabalho, o *status* social, situação de mercado, etc. Os comentários acima apresentados têm a função de corroborar a opção de utilizar o índice de *status* sócio-econômico desenvolvido por Pastore e Valle Silva (2000) na presente análise como a ferramenta mais adequada para operacionalizar o problema de pesquisa proposto, optando portanto por fazer uso da segunda perspectiva como sendo a mais apropriada para o objetivo presente. Essa discussão pode ser ampliada se aproximamos o pensamento de Goldthorpe ao de Wright e fazemos a distinção deste em relação ao pensamento de teóricos da estratificação como Blau, Duncan e Hout, como propõe Ribeiro (2000).

A estratificação social é um fenômeno de raízes históricas profundas, pois está presente em todos os grupos sociais desde tempos imemoriáveis. Segundo Tumin (1970: p.35), a estratificação social gera dois conjuntos de conseqüências para os indivíduos: as *oportunidades de vida* e os *estilos de vida*. A primeira conseqüência diz respeito às condições de vida que a posição do indivíduo engendra, que são estruturais, portanto, involuntárias, impessoais e determinadas (como proporção e incidência de mortalidade infantil, longevidade, doenças físicas e mentais, conflito conjugal e separação, etc.). A segunda conseqüência diz respeito às diferenças de preferências, gostos e valores típicos de cada posição na sociedade (tipo de residência, alimentação, vestuário, atividade recreativa, produtos culturais, tipo de livros, espetáculos e programas de televisão, etc.).

Para se entender bem o fenômeno da estratificação social na contemporaneidade, é imprescindível que retomemos conceitos e teorias elaboradas por Marx e por Weber<sup>8</sup>. Ambos os pensadores investigaram, dentre outras coisas, a formação histórica que precedeu a modernidade e, também, a formação da própria modernidade.

Porém, como é sabido, Weber foi um importante crítico do materialismo histórico, conceito chave do pensamento de Marx. Portanto, há diferenças na forma como cada autor elaborou seus conceitos e teorias sobre a estratificação social. À frente, seleciono alguns temas importantes e resalto as divergências metodológicas que diferenciam Weber de Marx.

Marx, como se sabe, entende que a estratificação social é fruto da divisão do trabalho que, por sua vez, é resultado do modo como se estabelecem o sistema de produção e a forma de propriedade. Outro pressuposto metodológico é o fato dele compreender a história de forma teleológica, o que permite falar em etapas de desenvolvimento das sociedades e grupos humanos. As etapas podem ser delimitadas a partir da detecção da forma de propriedade predominante em uma dada formação histórico-social. Antes da Revolução Industrial, a primeira etapa histórica corresponde àquela que predomina a forma de propriedade

---

<sup>8</sup> Todas as idéias sobre os dois pensadores foram baseadas na obra “Castas, estamentos e classes sociais” (2002) do autor Sedi Hirano.

comunitária, na segunda etapa predominaria a propriedade comunal antiga, seguida da terceira etapa, na qual a propriedade feudal (estamental) é o eixo da hierarquia social.

No século XVIII, em meio às mudanças históricas e sociais em andamento, surgiu o questionamento das relações de poder que eram a base da estratificação social na época. Os alicerces do Antigo Regime estavam se desmoronando e abrindo espaço para o surgimento de uma nova formação social. Os séculos XVII e XVIII são marcados pelo enfraquecimento das instituições feudais e pelo fim da monarquia absolutista e sustentava o *sistema estamental*.

O regime estamental e a propriedade feudal foram substituídos pela modernidade e pela propriedade capitalista, etapa também chamada de “sociedade industrial” ou “sociedade de classes”.

A Revolução Francesa e a Revolução Industrial marcam e direcionam a mudança da sociedade feudal para a sociedade de classes. O advento da estrutura burocrática, para Marx, é o presságio para a tomada de poder pela burguesia. Portanto, o estado moderno, a burguesia e as classes sociais substituem as instituições que compunham a ordem estamental, dentre elas a nobreza laica, a nobreza eclesiástica e a propriedade feudal.

Se Marx pensou as formações sociais dentro de formações históricas específicas, Weber, diferentemente, elabora *tipos-ideais* que são polivalentes historicamente, o que significa que servem para pensar a estratificação em diversos períodos históricos.

Para Weber, existem basicamente três ordens que conformam as desigualdades sociais em um grupo ou sociedade: a *ordem econômica*, relacionada às oportunidades de vida, de consumo, etc. dos indivíduos (ordem que gera as classes sociais ou a situação de mercado); a *ordem social*, que direciona a distribuição da honra e do prestígio social (ordem que gera os estamentos); a *ordem jurídica*, que distribui as cotas de poder (ordem que gera os partidos políticos). Toda formação social terá pelo menos um desses componentes básicos operando nas divisões e desigualdades sociais.

Segundo o mesmo autor, a sociedade moderna comporta diferentes ordenações de poder, dada a diversidade de instituições sociais<sup>9</sup>. As classes sociais, nesse caso, reúnem os indivíduos em uma mesma situação de mercado, com a mesma capacidade de consumir bens e serviços. A origem dos atributos gerados por tal ordenação pertence, por exemplo, à esfera do trabalho, das ocupações e profissões. Já a distribuição de bens simbólicos, como a honra e o prestígio, pode ser percebida através da valorização que é dada a alguns especialistas e profissionais, como mestres e professores, médicos, militares, etc., Tais posições são mais valorizadas socialmente que outras, mesmo que essa importância não seja revertida em capital econômico. Por fim, a ordem jurídica distribui o poder entre grupos que buscam determinados fins e são formados por pessoas que compartilham algum tipo de interesse ou ideologia, como, por exemplo, os sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais com causas específicas (associações de bairro, movimento dos consumidores e das donas-de-casa, etc.).

Portanto, é limitado pensar que as classes sociais são suficientes para entender a estratificação social. Elas são centrais na divisão social moderna, porém, elas não representam blocos consolidados de ação, como Marx acreditava.

Tocqueville é um pensador que defende a idéia de que o conceito de “classes” não é suficiente para entender por completo o desenvolvimento das sociedades capitalistas (*apud*. Nisbet, 1966), altamente industrializadas e urbanizadas. Se no século XIX há uma predominância da sociedade de classes, no século XX o próprio desenvolvimento do sistema de produção e de consumo, da divisão do trabalho e da burocracia estatal e formação dos estados-nação, etc. gera uma nova organização social na qual as classes é apenas um dos traços que compõem a estratificação social.

---

<sup>9</sup> A partir do século XIX, tendo em vista a revolução burguesa e a revolução industrial, o conceito de classe se tornou central na análise social. Diferente da hierarquia tradicional, que apresentava uma continuidade entre as posições sociais (servo/escravo e senhor, reis e súditos, etc.), a divisão de classes revela outra forma de organização, baseada no conflito e na descontinuidade (Nisbet, ), inaugurando novas formas de subordinação e de poder.

O desenvolvimento do Estado e a conseqüente centralização política, o advento do individualismo e a consolidação da democracia como uma referência para a organização política e social resultaram em uma dispersão do poder entre a massa formadora da democracia, além da presença cada vez maior do estado na vida dos indivíduos através da expansão do aparato burocrático e da virtual aceitação da idéia de igualdade. Neste contexto, a competição por riqueza se dá por meio de formas fluídas de aquisição que o capitalismo desenvolve, tendo como objetivo a aquisição, por parte indivíduo, de um certo *status* social. Também para Tönnies (*apud*. Nisbet, 1966) o individualismo e a forte característica pecuniária do sistema capitalista enfraquecem os modos de diferenciação social que não estão estritamente ligados à acumulação da riqueza. A ênfase na luta individual por *status* se combina com a ênfase na acumulação de capital de forma individualizada.

Portanto, para muitos pensadores, na contemporaneidade as classes se desfazem enquanto unidades agregadoras e se tornam uma referência econômica que não constrói, *necessariamente*, laços sociais ente os indivíduos. Essas idéias nos levam a crer que, para o presente estudo, é uma boa opção utilizar os grupos de *status* flutuantes, móveis, constituídos por indivíduos em busca de ascensão social (Nisbet, 1966) e que, para tanto, investem no que Gershuny (2005b) chama de “embodied capital” (capital incorporado) ao longo da vida.

## **II.6. Trabalho, Lazer e Hierarquia Social: A Teoria da Classe Ociosa de Veblen**

A mais famosa teoria sobre o tema fora elaborada por T. Veblen e apresentada na obra “A teoria da classe ociosa” (1965), na qual o pensador elabora uma tese peculiar sobre a evolução histórica da relação entre hierarquia social e o cotidiano.

Segundo este estudo, a primeira versão da divisão do trabalho que resultou em uma classe ociosa e em uma trabalhadora foi gerada pela distinção entre o trabalho feminino e trabalho masculino. Como conseqüência da emulação, neste estágio predatório, surgiu o casamento

e o costume da propriedade. Com o desenvolvimento desses elementos, instala-se gradualmente um sistema de propriedades mais complexo.

Nos estágios mais avançados, apesar do valor das coisas serem também medidos pela utilidade, o elemento honorífico que é atribuído ao proprietário dos bens é tão importante quanto. A aquisição e acumulação de bens, dentro deste mecanismo, não são justificadas pelo consumo simplesmente, mas sim, pela *emulação*. A posse confere honra e, conseqüentemente, uma divisão injusta, diferenciadora. Portanto, a propriedade não tem a mínima relação com a subsistência. O objetivo real da posse sempre foi, segundo Veblen, a distinção odiosa entre os que possuem e os que não possuem riqueza.

Com o advento da atividade industrial, gradativamente, a honra se liga mais à posse da propriedade de bens do que à realização de façanhas própria da atividade predatória. Quando a propriedade se torna a base convencional da estima social, a riqueza adquirida por descendência se torna mais honrosa ainda do que a adquirida pelo próprio esforço, já que isso demonstra um grau maior de ociosidade na aquisição e, portanto, confere maior grau de distinção. Assim, a cada *padrão pecuniário* corresponde uma nova *classificação pecuniária*, o que garantiria a constância do mecanismo distintivo e diferenciador. Para Veblen, então, há uma constante em qualquer grupo social, qual seja, a luta por honorabilidade baseada na comparação odiosa de prestígio entre os indivíduos.

Os motivos que levam o homem a acumular riquezas, de acordo com este postulado, é a *emulação pecuniária*, “a comparação entre indivíduos, classificando-os e estimando-os no tocante ao seu valor relativo, num sentido estético ou moral”. No tocante às classes inferiores, o único modo destas adquirirem bens é através do trabalho produtivo. Para estes, o trabalho é fonte de orgulho, já que essa é a única forma de emulação que lhes foi permitida. Diferentemente da classe superior, que se abstém de qualquer trabalho produtivo, tido como depreciador e símbolo de fraqueza, portanto, uma marca de inferioridade para quem o realiza. Percebe-se que, para obter e manter a consideração alheia, não basta simplesmente a acumulação de bens e de poder. É preciso que esses dois últimos elementos sejam notáveis, patentes aos olhos alheios. Portanto, é honroso e útil ter

um tempo ocioso conspícuo e evitar o contato com os processos produtivos ligados às necessidades da vida cotidiana humana. O homem poderoso demonstra sua força pecuniária quando ele pode viver confortavelmente sem despender esforço algum. Eis que assim surge a denominada *classe ociosa* e a ociosidade deste grupo de indivíduos, pelo fato de ser explícita, chama-se *ócio conspícuo*. A classe ociosa corresponde à classe dos que não trabalham porque muitos outros fazem por eles. Através desse comportamento, eles garantem a manutenção da distinção e a obtenção da honra que, por definição, é algo escasso e para poucos.

Apesar da aparente semelhança entre a teoria sobre a classe ociosa de Veblen e a teoria de Bourdieu sobre a distinção como elemento fundamental na constituição do mundo social, segundo este último, elas nada têm a ver entre si. Para Bourdieu, o capital simbólico, enquanto signo distintivo, nada tem a ver com o conceito de “consumo conspícuo”, já que não há *intencionalidade* na distinção (1990: p.160). A diversificação entre pessoas não é resultado de um esforço autônomo e deliberado, mas está inscrita objetivamente no mundo social, organizado segundo a lógica da diferença. O espaço social, que é por definição simbólico e não tem relação necessária com as divisões geográficas do espaço, é “um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida” (*op.cit.*).

Atento às divisões e conflitos que o mundo social intrinsecamente produz, a idéia de “estilo de vida” não só revela os significados subjetivos partilhados por um determinado grupo de pessoas, mas é, também, expressão de uma estrutura mais durável, o *habitus*, que compõem a cognição e percepção dos indivíduos ao mesmo tempo em que os situam em suas respectivas posições no “mapa social” (Bourdieu, 1990: p.158). Os diferentes estilos de vida sofrem constrangimentos que as divisões e diferenciações sociais engendram, sendo expressos por conjuntos de preferências que distinguem as pessoas através dos capitais cultural, social e econômico transmutados em capital simbólico. Os estilos de vida, portanto, classificam as pessoas, representando traços distintivos que dependem da origem social dos seus portadores (Bourdieu, 1983).

Ao tratar dos tipos de capital simbólico, da formação das classes sociais e dos grupos de *status*, Bourdieu retoma uma conhecida discussão no campo da estratificação social, que teve início quando Weber criticou o modelo de divisão social defendido pelo pensamento marxista, qual seja, de que a sociedade capitalista é basicamente composta por duas classes principais, a dos detentores dos meios de produção e a dos trabalhadores que vendem a própria força de trabalho.

## **II.7. Gershuny e a “Teoria da Classe Ociosa” Revisitada.**

A idéia de que o desenvolvimento tecnológico sofrido pelas sociedades desde a Revolução Industrial do século XVIII resultaria no desfrute de uma vida menos laboriosa e mais democrática no que diz respeito ao tempo de dedicação ao trabalho (Lafargue, 1980) não passou de uma doce ilusão.

Para entendermos melhor as mudanças ocorridas desde o fim do século XIX no qual Veblen desenvolveu seu pensamento, esclareçamos antes dois conceitos básicos elaborados por este último e que foram retomados por Gershuny (2005b), quais sejam, “industry” e “exploit”:

a) “Industry”, segunda a interpretação de Gershuny, diz respeito à interpretação qualitativa de atividades diárias específicas, as quais têm a característica de serem regulares, constantes e não-criativas. São atividades nas quais a repetição é o principal elemento constituinte, como, por exemplo, plantar, capinar, trabalhar em uma linha de montagem de uma fábrica, faxinar uma casa, preparar alimentos, etc. Geralmente, estas atividades envolvem a transformação de algo inanimado através da aplicação da força humana.

b) “Exploit”, que pode ser traduzido como “façanha” ou “atividade exploratória”, envolve características opostas às descritas acima. São atividades ligadas à idéia de competição e desafio, envolvendo criatividade, engenhosidade e inteligência. Como, por exemplo, jogar xadrez, caçar, tocar um instrumento musical, criar obras artísticas ou elaborar um sistema de pensamento filosófico.

Segundo Veblen, nas sociedades primitivas as mulheres estavam engajadas em tarefas do primeiro tipo, como plantar, coletar e preparar alimentos. Já os homens caçavam, conversavam e jogavam com seus semelhantes. Essa relação entre os gêneros masculino e feminino seria a primeira forma de relação entre subordinado/dominante desenvolvida por uma sociedade.

Já nas sociedades bárbaras, os escravos se devotavam ao primeiro conjunto de atividades e os senhores, ao segundo. Como a classe dominante dominava a arte da guerra e da luta, assim como o uso de armas, a classe subordinada tinha como recompensa pelo seu trabalho a proteção de suas vidas.

Enquanto a classe dominante caçava, praticava esportes perigosos, participava da política de forma não-remunerada e exercia atividades de ensino e de administração, as classes subordinadas estavam fadadas ao trabalho laborioso, não-honroso. Portanto, para os primeiros o emblema da superioridade era a ociosidade e, para os últimos, o emblema da subordinação era o trabalho.

As idéias de Veblen expostas anteriormente, como fora dito, não contemplam as novas formas de relações sociais que surgiram a partir do século XX, no qual a ociosidade perde o *status* que antes possuía, perdendo sua posição como signo de honra da classe dominante. Porém, como veremos mais adiante, a idéia vebleniana de que as posições sociais são representadas e significadas nas atividades cotidianas ainda se mantém.

Segundo Gershuny (2005b: p.5), para entendermos as mudanças contemporâneas no que diz respeito à construção social das atividades diárias, devemos ter como pressupostos os seguintes elementos: (1) que a utilidade marginal do trabalho remunerado está intimamente ligado à faixa salarial e que, portanto, maior tempo de dedicação ao trabalho gera maiores ganhos salariais; (2) historicamente, quanto mais cresce a produção, maior se torna a utilidade marginal do trabalho.

Para entender tais pressupostos, devemos lembrar que o *consumo*, enquanto um processo de “produção de satisfações finais” (Becker *apud* Gershuny, 2005b), está associado a uma indústria publicitária que instiga o desejo por novos bens e serviços disponíveis no mercado, levando-se em conta uma população cada vez mais obediente e seduzível. Enquanto a produção cresce, inevitavelmente o consumo deve crescer para compensar o aumento do primeiro. Para isso ser possível, a cada aumento na capacidade de produção, o desejo de consumir deve ser novamente instigado. Portanto, a utilidade marginal do tempo de consumo aumenta através de formas cada vez mais sedutoras de criação de desejos, combinando-se cada vez mais o tempo de lazer ao consumo de bens e serviços. Em resumo, a utilidade marginal do consumo aumenta na mesma medida em que cresce a produção. Para ser possível consumir cada vez mais é preciso garantir maior rendimento, portanto, a utilidade marginal do tempo de trabalho aumenta à medida que a produção de bens e serviços aumenta. Conclusão: quanto mais a produção de bens e serviços aumentar, maior será a recompensa de se dedicar mais tempo ao trabalho remunerado, aumentando assim os ganhos e o poder de compra.

O aumento na produção de bens e serviços depende do desenvolvimento tecnológico e científico, ou seja, depende do aumento do conhecimento técnico, profissional e especializado. Quanto mais complexa e técnica se torna a produção, maior será o poder de barganha, no mercado, das pessoas detentoras dos mais altos níveis de capital humano ou de capital incorporado (como escolaridade, conhecimento especializado, habilidades técnicas, acesso à informação em geral, etc.). Citando Daniel Bell, Gershuny (*op.cit.*) lembra que na sociedade pós-industrial o conhecimento e o saber ganham prioridade em relação à posse material.

O capital incorporado (“embodied capital” ou “economic capability”) se torna o bem mais requerido e mais facilmente vendável como força de trabalho sendo, portanto, o melhor investimento para assegurar ganhos econômicos. Quanto mais avançada a esfera econômica e de produção de uma sociedade, mais o capital incorporado se torna elemento fundamental para estabelecer a posição social e econômica dos indivíduos adultos e para garantir a reprodução dessas posições às gerações seguintes.

Existem duas razões principais para toda essa mudança em torno da relação entre a classe dominante e a atividade signo de poder, prestígio e honra:

- a) o desenvolvimento tecnológico que realça a habilidade individual de extrair ganhos através das habilidades profissionais, como explicado desde o início desta seção;
- b) a mudança demográfica, especialmente o aumento da expectativa de vida dos indivíduos que reduz a possibilidade das gerações seguintes herdarem grandes montas de capital fixo (posses, terras, imóveis, investimentos financeiros, etc.).

O primeiro item é de fácil entendimento: quanto mais complexa a produção econômica, maior a necessidade de trabalho técnico e especializado. Já em relação ao segundo item, a explicação é a seguinte: na contemporaneidade, as pessoas constroem seu patrimônio durante a vida ativa de trabalho, mas faz uso desse acúmulo durante o período de vida de não-trabalho (terceira idade). Os herdeiros recebem o patrimônio bem mais tarde ou nunca, sendo obrigados a construir o seu próprio desde o início da vida adulta. Portanto, os provedores contemporâneos devem traçar estratégias de reprodução da própria posição social desde a infância dos filhos, investindo no capital humano/incorporado, ou seja, em educação, cursos técnicos, aprendizado de língua estrangeira, acesso à informação, etc.

Enquanto o capital fixo compunha a herança e garantia a reprodução da classe ociosa, já que os filhos desfrutavam diretamente dos frutos e podiam viver uma vida de não-trabalho, a ênfase no capital humano/incorporado só produz frutos na medida em que seu possuidor o põe em prática através do trabalho remunerado. Portanto, o signo de honra das classes dominantes na contemporaneidade passa a ser o trabalho e não a ociosidade.

As atividades distintas realizadas pela classe ociosa (“exploit”) se tornam ocupações remuneradas, sendo realizadas não por amor ou fama, mas por dinheiro. As ocupações mais bem pagas são as que mais instigam à dedicação ao trabalho, pois a utilidade marginal é mais alta. Portanto, quanto maior é o *status da ocupação* do indivíduo, maior é a probabilidade do mesmo se dedicar mais tempo ao trabalho remunerado. Em uma

sociedade com essas características, a ociosidade se torna pouca significativa como signo de honra. Já o trabalho se torna o novo signo honorífico da classe dominante. Ao invés de uma “leisure class”, a classe dominante na sociedade pós-industrial é melhor conceituada como “working class” (Gershuny, 2005a; 2005b).

Neste capítulo foi possível traçar os elementos da modernidade que influenciaram historicamente a construção social do lazer. Também foi possível definir a relação entre lazer e trabalho, assim como tratar da dimensão da estratificação social e sua influência na alocação de tempo em atividades diárias (Veblen, 1965; Gershuny, 2005b). Vimos que o lazer é um fenômeno próprio da modernidade segundo as definições de Dumazedier (1979, 1976, 1975, 1994), e, além disso, pudemos perceber como Elias (1992) trata da relação entre a ocupação principal que o indivíduo exerce e a construção do cotidiano. Com base nesses dois últimos é possível selecionar as atividades diárias que correspondem ao lazer, tendo em vista o leque de atividades diárias que as pessoas realizam.

### ***III – PROBLEMA DE PESQUISA***

Em um momento passado, interessei-me pela análise do tempo de trabalho e do tempo de lazer entre indivíduos adultos (18 a 65 anos de idade) residentes em Belo Horizonte classificados como trabalhadores manuais e não-manuais (Neubert, 2003). Através da análise descritiva dos dados, pude perceber que, em termos de quantidade de tempo de lazer, os dois grupos não se diferenciam. A grande diferença encontrada entre esses dois grandes grupos ocupacionais é o fato de os dias de semana e os dias de fim de semana entre os trabalhadores manuais serem muito semelhantes. Os dias de fim de semana são quase uma continuação da semana de trabalho, principalmente porque o tempo livre é utilizado para incrementar a renda através da realização de trabalhos informais e temporários. Já os trabalhadores não-manuais não apresentam a mesma característica na organização das atividades ao longo dos sete dias da semana. Para esses últimos, o tempo gasto com trabalho é na maior proporção alocado nos dias de semana, liberando os dias de fim de semana para realização de outras atividades.

A utilização de recursos metodológicos desenvolvidos na área da estratificação social (como o índice de *status* sócio-econômico e as categorias ocupacionais baseadas no mesmo, elementos melhor detalhados à frente) pode oferecer outras possibilidades de análise da desigualdade social na experiência do lazer. Desse modo, é possível estabelecer a relação entre estratificação social e lazer sem a necessidade de agrupar as categorias ocupacionais em apenas dois grandes grupos.

A hipótese mais geral que defendo é a seguinte: que além de fatores como o estado civil, a renda, a idade, a raça e o sexo, a ocupação principal que o indivíduo exerce cumpre um papel crucial na construção do cotidiano e, conseqüentemente, na alocação e organização das outras atividades diárias, como as atividades de lazer e de trabalho. Esse pressuposto nos faz pensar na hipótese de que existe uma diferenciação na vivência do lazer, tanto no que diz respeito às atividades praticadas, quanto ao tempo que se dedica a elas. É uma questão de *estilos de vida* engendrados por fatores estruturais da divisão social das tarefas e dos recursos econômicos e culturais desigualmente distribuídos. Como se demonstra desde os estudos de Veblen, o lazer sofre dos constrangimentos e condicionamentos produzidos no seio da estrutura social (Dumazedier, 1994: p.194).

A pergunta empírica a ser respondida é a seguinte: *como se comportam as dimensões do tempo de trabalho e do tempo de lazer com relação à estratificação social entre os indivíduos adultos (18 a 65 anos de idade) participantes da força de trabalho economicamente ativa em Belo Horizonte (ou seja, indivíduos que possuam uma ocupação principal ou também uma ocupação secundária que realizam como trabalho remunerado em um dia de semana e em um dia de fim de semana)?*

Para desenvolver a análise empírica baseada na pergunta acima, escolhi quatro variáveis, quais sejam, o *tempo de trabalho*, o *tempo de lazer*, as *categorias ocupacionais* e a *Escala de Status Sócio-econômico*, a qual mede o status ocupacional da categoria ocupacional / profissional na qual o indivíduo está inserido (essas dimensões serão mais bem detalhadas à frente).

O fato de escolher apenas indivíduos “ocupados” para a presente análise é uma estratégia metodológica. Não é o caso de atestarmos a existência de uma classe ociosa (pois ela é a classe dos que não são ocupados), mas sim, de entendermos como funciona a distribuição de tempo entre pessoas economicamente ativas – já que se expandíssemos o objeto de pesquisa levando em conta os desempregados, aposentados, estudantes e donas-de-casa, não seria possível utilizar as ferramentas que os estudos empíricos de estratificação social oferecem. Esses últimos perfis apresentam características múltiplas que inviabilizariam uma análise mais apurada do tempo de trabalho remunerado. Portanto, o que a princípio pode parecer um paradoxo (utilizar as idéias de Veblen para analisar grupos de indivíduos economicamente ativos) revela-se como uma opção que se ajusta ao presente problema de pesquisa a ser desenvolvido empiricamente. Além disso, as amostragens probabilísticas têm a vantagem de selecionar os tipos mais comuns de um grupo social, não sendo portanto uma boa estratégia de pesquisa de grupos minoritários, como os indivíduos muito ricos ou os indivíduos muito pobres.

## ***IV - METODOLOGIA DE PESQUISA***

Neste capítulo serão expostos os elementos metodológicos que constituem a dimensão empírica do presente trabalho de pesquisa. Primeiramente, exponho a forma como foram construídas as informações, em seguida apresento as duas sub-amostras que serão analisadas e, por fim, apresento quais são as variáveis que compõem o quadro operacional do problema de pesquisa.

#### **IV.1. Pesquisa de Usos do Tempo (Fonte de Dados)**

Os dados utilizados nas análises seguintes foram construídos a partir da realização do projeto de pesquisa “Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado: análise dos usos do tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais: um projeto piloto para zonas metropolitanas brasileiras” (Aguiar, 2000) idealizado e coordenado pela professora titular Dr. Neuma Aguiar do Departamento de Sociologia e Antropologia da Fafich/UFMG. Tal empreendimento foi financiado pelo órgão fomentador de pesquisas CNPq.

O projeto teve como objetivo desenvolver métodos de pesquisa que contemplem a diversidade das condições de vida da população brasileira, sendo o ponto central de análise os arranjos de usos do tempo que compõem a vida cotidiana. Como uma grande proporção da população brasileira possui baixo grau de instrução, foram também desenvolvidos métodos de coleta de dados que abrangessem tal grupo de pessoas. Através da análise do cotidiano das pessoas, procurou-se captar a divisão do trabalho doméstico por gênero e as conseqüências dessa divisão na capacidade de organizar as outras atividades da vida social.

Na pesquisa de usos do tempo, (Pentland et al., 1999) o instrumento básico de coleta de dados sobre os usos do tempo é o *diário de usos do tempo*. A técnica de pesquisa consiste em elaborar um questionário que permita ao respondente registrar as atividades que ele realiza durante as vinte e quatro horas do dia, assim como o tempo de duração de cada uma delas. Como podem ser realizadas várias atividades ao mesmo tempo (como passar roupa e ouvir música, ler jornal e deslocar de ônibus), no diário é possível diferencia-las em “atividades principais” e “atividades secundárias”.

As atividades principais correspondem às que têm início anteriormente a qualquer outra, às que duram mais tempo e às que não são decorrência de nenhuma outra atividade. Além disso, há ainda informações sobre o local em que as atividades são realizadas (em casa ou fora de casa) e a companhia (sozinho, com pessoas estranhas, pessoas conhecidas, pessoas adultas e crianças que co-habitam o mesmo domicílio).

Entre os estudos de usos do tempo, são amplamente conhecidos dois livros de códigos usados para classificar as atividades registradas nos diários: o chamado EUROSTAT (sistema europeu) e o sistema de classificação da ONU (sistema norte-americano). Para os fins da pesquisa, foi elaborada uma síntese dos dois sistemas de classificação de forma que representasse melhor as atividades realizadas no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que fosse possível manter as características essenciais do mesmo, garantindo a possibilidade de comparação dos dados construídos por diferentes grupos de pesquisa.

Além dos diários, foram aplicados mais três tipos de questionários: o *questionário auto-aplicado* (respondido por todos os indivíduos da amostra), que contém informações sócio-econômicas dos respondentes; o *questionário do casal ou responsável pelo domicílio*, que contém questões sobre a divisão sexual do trabalho no domicílio; e o *questionário sobre as características do domicílio*.

A pesquisa durou vinte e quatro meses, se estendendo do mês de agosto de 2001 a agosto de 2003, compreendendo nesse período as etapas de elaboração do material de campo, treinamento dos entrevistadores, pré-teste, realização do campo de pesquisa, codificação dos questionários e construção dos bancos de dados. Foram amostrados 400 domicílios, dos quais 371 colaboraram efetivamente com a pesquisa. Todos os indivíduos com mais de 8 anos de idade foram convidados a participar, num total de 1.184 indivíduos registrados. Para cada domicílio, foi amostrado um dia de semana (segunda a sexta-feira) e um dia de final de semana (sábado ou domingo) para que fossem preenchidos dois diários por indivíduo.

## IV.2. Sub-amostras

Os dados estão divididos em *duas* sub-amostras nas quais foram selecionados os indivíduos de 18 a 65 anos de idade e economicamente ativos, ou seja, exerciam uma atividade remunerada quando responderam aos questionários da pesquisa. Uma das amostras se refere a indivíduos que responderam um diário de usos do tempo em um *dia de semana* e a outra se refere a indivíduos que responderam o diário de usos do tempo em um *dia de fim de semana*. A maioria dos indivíduos respondeu em ambos os períodos de tempo analisado, porém, como alguns responderam em apenas um dos períodos, o (n) de cada amostra são diferentes entre si.

Abaixo apresento duas tabelas nas quais exponho a distribuição das sub-amostras de acordo com a composição de gênero das mesmas:

**TABELA 1 – Distribuição dos indivíduos por gênero da sub-amostra para um dia de semana**

Gênero	(n)	(%)
masculino	289	51,33
feminino	274	48,66
<b>Total</b>	<b>563</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

**TABELA 2 – Distribuição dos indivíduos por gênero da sub-amostra para um dia de fim de semana**

<b>Gênero</b>	<b>(n)</b>	<b>(%)</b>
masculino	295	51,60
feminino	276	48,40
<b>Total</b>	<b>571</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

No que diz respeito à sub-amostra referente às informações de usos do tempo em um *dia de semana*, a mesma é composta por 563 indivíduos, sendo 51,33% do gênero masculino e 48,66% do gênero feminino. Já a sub-amostra referente às informações de usos do tempo em um *dia de fim de semana* é composta por 571 indivíduos, os quais 51,60% são do gênero masculino e 48,40% são do gênero feminino.

### **IV.3. Quadro Operacional da Pesquisa**

Para processar as análises empíricas baseadas no objeto de investigação, escolhemos três variáveis, quais sejam, o *tempo de trabalho*, o *tempo de lazer*, e as *categorias ocupacionais*, essas últimas baseadas na *Escala de Status Sócio-econômico* desenvolvida por Vale e Silva e Pastore (2000).

Dentre os bancos de dados descritos no item anterior, utilizaremos os dados registrados no banco de dados baseado no *questionário auto-aplicado*, que contém informações sócio-econômicas sobre cada indivíduo; o banco de dados baseado no *diário de usos do tempo preenchido em um dia de semana*, que contém o registro das atividades realizadas durante um dia de semana (segunda, terça, quarta, quinta ou sexta-feira); e o banco de dados baseado no *diário de usos do tempo preenchido em um dia de fim de semana*, que contém o registro das atividades realizadas durante um dia de fim de semana (sábado ou domingo).

A dimensão da estratificação social é representada no teste de hipóteses pela *Escala de Status* Sócio-econômico (Pastore, 1979; Pastore & Valle e Silva, 2000) referente à ocupação principal que o indivíduo exerce. Esta foi construída com a intenção de “medir a posição real dos indivíduos no mercado de trabalho, indicada pelos recursos que os indivíduos comandam nas suas respectivas posições” (Pastore & Valle e Silva, 2000). Os referentes empíricos utilizados na elaboração da escala são: o nível educacional e o nível de rendimento dentro de cada categoria profissional. A elaboração consiste em três etapas: a primeira diz respeito à construção da escala para medir o nível educacional e de rendimentos dos indivíduos; na segunda etapa, combinou-se as informações anteriores para cada indivíduo, criando assim uma escala de *status* individual; por fim, os *status* individuais foram combinados entre si em cada ocupação, obtendo-se o *status* ocupacional. Este agrupamento segue critérios de distância social e carrega consigo, além da mensuração inicial da posição socioeconômica, outros critérios referentes, principalmente, à distinção entre ocupações manuais e não-manuais (*op. cit.*).

O Índice de Status Sócio-Econômico, como ressaltam os autores, não se trata simplesmente de uma escala de rendimentos, e nem de uma escala de prestígio ocupacional, mas sim, uma escala de posição socioeconômica (*op. cit.*). Ele pode ser agrupado em seis grandes estratos ocupacionais segundo uma elaboração original de Pastore (1979), quais sejam:

- (I) *Baixo-Inferior: trabalhadores rurais não qualificados;*
- (II) *Baixo Superior: trabalhadores urbanos não qualificados;*
- (III) *Médio-Inferior: trabalhadores qualificados e semiquilificados;*
- (IV) *Médio-Médio: trabalhadores não manuais, profissionais de nível baixo e pequenos proprietários;*
- (V) *Médio-Superior: profissionais de nível médio e médios proprietários;*
- (VI) *Alto: profissionais de nível superior e grandes proprietários.*

Optamos por agrupar a escala contínua de *status* socioeconômico entre os estratos ocupacionais descritos acima uma vez que tal operação não reflete uma posição teórica comprometida com a visão “classista” da sociedade brasileira (Scalon, 1999), mas sim, a

percepção de estratos hierárquicos construídos a partir de uma escala de posições de mercado, que possibilita, do nosso ponto de vista, análises mais consistentes da estrutura social. Entendemos, portanto, que o agrupamento em estratos ocupacionais permite agregar indivíduos com perfis socioeconômicos semelhantes.

Entretanto, a sub-amostra selecionada para este estudo apresentou, inicialmente, um pequeno problema para os testes estatísticos, pois o estrato *(I) Baixo-Inferior: trabalhadores rurais não qualificados* é composto por apenas 2 indivíduos, número que invalida qualquer inferência em relação a este grupo especificamente (isso já era previsto, já que a pesquisa de usos do tempo foi realizada em uma zona urbana). Devido à proximidade do estrato *(I) Baixo-Inferior: trabalhadores rurais não qualificados* em relação ao estrato *(II) Baixo Superior: trabalhadores urbanos não qualificados*, optamos por somar os indivíduos classificados no primeiro estrato aos do segundo, sendo que utilizamos, portanto, somente os estratos *II, III, IV, V, VI*. A nova classificação, portanto, será a seguinte, numerada de *I a V*:

*(I) Baixo Inferior e Baixo Superior: trabalhadores rurais não qualificados e trabalhadores urbanos não qualificados;*

*(II) Médio-Inferior: trabalhadores qualificados e semiquualificados;*

*(III) Médio-Médio: trabalhadores não manuais, profissionais de nível baixo e pequenos proprietários;*

*(IV) Médio-Superior: profissionais de nível médio e médios proprietários;*

*(V) Alto: profissionais de nível superior e grandes proprietários.*

Além da dimensão da estratificação social, é necessário apresentar as atividades diárias que correspondem à operacionalização dos conceitos de “tempo de trabalho” e “tempo de lazer”, de acordo com o Livro de Códigos utilizado na Pesquisa de Usos do Tempo em Belo Horizonte (Aguiar, 2000). As atividades estão agrupadas em dez grandes grupos, quais sejam:

- (0) Cuidados Pessoais (dormir, comer, lavar-se e vestir-se, etc.);*
- (1) Atividades com Rendimentos (trabalho principal com rendimentos, trabalho secundário);*
- (2) Estudo;*
- (3) Cuidados com o Domicílio e a Família (manejo de alimentos, manutenção do domicílio, cuidados com têxteis, compras e serviços, consertos em casa, cuidados com crianças, etc.);*
- (4) Trabalho Voluntário e Reuniões (trabalho voluntário, reuniões, atividades religiosas);*
- (5) Vida Social e Lazer (socialização, visitas, festas, cinema, teatro e concertos, exposições, descanso);*
- (6) Esportes e Atividades ao Ar Livre (exercícios físicos, fazer cooper, jogar bola, caçar e pescar);*
- (7) Hobbies e Jogos (artes, uso de computador e jogos);*
- (8) Meios de Comunicação de Massa (leitura, assistir televisão, ouvir rádio, etc.);*
- (9) Viagem e Uso Não Especificado de Tempo (deslocamento entre as atividades).*

O *tempo de trabalho* será medido em minutos através da soma da duração das atividades agrupadas no item (1) (atividades com rendimentos, seja o trabalho principal e secundário) com algumas atividades do item (9) (como viagem e deslocamento durante o trabalho), que podem ou não ter sido realizadas pelo indivíduo em um dia de semana e/ou em um dia de fim de semana. O *tempo de lazer* será medido, também em minutos, através da soma da duração das atividades agrupadas nos itens (5), (6), (7), (8), assim algumas atividades que estão incluídas no item (4) (trabalho voluntário para e através de uma organização). A seleção das atividades de lazer levou em conta os conceitos e teorias expostos acima, no Marco Teórico (capítulo II) deste trabalho, tendo como principal base as idéias de Dumazedier e Elias.

***V - ANÁLISE DOS DADOS PARA UM  
DIA DE SEMANA***

As análises serão divididas em dois blocos: o primeiro levará em conta as variáveis de tempo de trabalho remunerado e tempo de lazer realizadas em um dia de semana (segunda, terça, quarta, quinta ou sexta-feira); já o segundo bloco levará em conta as variáveis de tempo de trabalho remunerado e tempo de lazer realizadas em um dia de fim de semana (sábado ou domingo).

Entre os indivíduos que responderam o diário de usos do tempo em um dia de semana e levando-se em conta a distribuição dos mesmos entre os estratos ocupacionais, temos os seguintes dados de acordo com a tabela 3:

**TABELA 3 – Distribuição dos indivíduos por estratos ocupacionais da sub-amostra para um dia de semana**

<b>Estrato Ocupacional</b>	<b>(n)</b>	<b>(%)</b>
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	145	25,77
(II) Médio-Inferior	122	21,74
(III) Médio-Médio	213	37,88
(IV) Médio-Superior	23	4,07
(V) Alto	59	10,53
<b>Total</b>	<b>563</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Os indivíduos que exercem trabalho remunerado em ocupações classificadas como *(I) Baixo Inferior e Baixo Superior* representam 25,77% da sub-amostra; já os indivíduos classificados no estrato *(II) Médio-Inferior* representam 21,74%; os indivíduos classificados no estrato *(III) Médio-Médio* representam 37,88%; os indivíduos classificados no estrato *(IV) Médio-Superior* representam 4,07%; e, enfim, os indivíduos classificados em ocupações que compõem o estrato *(V) Alto* representam 10,53% da sub-amostra para um dia de semana.

## V.1. Lazer em um Dia de Semana

Para entendermos o fenômeno que proponho analisar, primeiramente devemos observar as médias e os desvios-padrão referentes ao tempo de lazer em um dia de semana, como apresentado na tabela 4 abaixo:

**TABELA 4 – Média de tempo de lazer em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um *dia de semana***

<b>Estrato Ocupacional</b>	<b>Média (min.)</b>	<b>Desvio-Padrão (min.)</b>
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	186,31	160,37
(II) Médio-Inferior	157,65	117,27
(III) Médio-Médio	163,75	126,22
(IV) Médio-Superior	168,80	111,02
(V) Alto	140,50	109,05
<b>Total dos Indivíduos (n=563)</b>	<b>165,99</b>	<b>132,25</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

O estrato *(I) Baixo Inferior e Baixo-Superior* apresenta a maior média de tempo de lazer em um dia de semana, qual seja, 186,31 minutos. Já o estrato *(V) Alto* apresenta a menor média de tempo de lazer em um dia de semana, qual seja, 140,50 minutos. Como é possível observar, os desvios-padrão relativos à distribuição do tempo de lazer é muito alto em relação à média, o que revela que os estratos ocupacionais apresentam grande variabilidade ao analisarmos tal dimensão em um dia de semana.

Para estabelecermos se realmente as diferenças entre as médias são estatisticamente significativas, devemos lançar mão do Teste ANOVA que permite dizer se a variabilidade do tempo de lazer (variável contínua) *dentro* dos estratos ocupacionais (variável categórica) é maior ou menor do que a variabilidade *entre* os estratos ocupacionais (Triola, 1998). Através da análise do grau de significância (*sig.*) da relação entre tempo de lazer e os

estratos ocupacionais podemos fazer tal inferência. Se o grau de significância for maior que 0,05 (sig.> 0,05) levando-se em conta o intervalo de confiança de 95%, quer dizer que a variabilidade de tempo de lazer dentro dos estratos ocupacionais é maior que a variabilidade entre os mesmos, indicando assim que a diferença entre as médias não é significativa estatisticamente. Caso contrário (sig. < 0,05), podemos dizer que a diferença entre as médias é significativa.

De acordo com a tabela 5 abaixo podemos dizer que a relação entre o tempo de lazer e os estratos ocupacionais não é significativa para um dia de semana, pois o grau de significância (sig.=0,1856) é superior a 0,05. Portanto, não podemos dizer que a diferença entre as médias que foram apresentadas na tabela 4 seja significativa.

**TABELA 5 – Teste ANOVA do tempo de lazer como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um *dia de semana***

	Soma dos Quadrados	Df	Média dos Quadrados	F	Sig.
<b>Entre Grupos</b>	108209,169	4	27052,29225	1,552545	0,18561685
<b>Dentro dos Grupos</b>	9722862,796	558	17424,4853		
<b>Total</b>	9831071,965	562			

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Se os estratos ocupacionais não apresentam diferenças significativas quanto à média de tempo de dedicação ao lazer, podemos nos perguntar se as atividades as quais os indivíduos agrupados se dedicam nesse bloco de tempo variam em quantidade quando levamos em conta as sub-categorias de atividades de lazer descritas no item “Quadro Operacional da Pesquisa” (capítulo IV, item 3), quais sejam, “trabalho voluntário”, “lazer e vida social”, “esportes e atividades ao ar livre”, “hobbies e jogos” e “meios de comunicação de massa”.

De acordo com a tabela 6 abaixo, apenas os estratos (I) *Baixo Inferior e Baixo Superior* e (III) *Médio-Médio* exercem algum tipo de “trabalho voluntário” em um dia de semana, sendo a média de tempo de 0,71 e 2,24 minutos em média, respectivamente. Já com relação

ao tempo despendido em “vida social e lazer”, o estrato *(I) Baixo Inferior e Baixo Superior* apresenta a maior média, qual seja, 50,94 minutos, e o estrato *(V) Alto* apresenta a menor média, qual seja, 31,38 minutos em um dia de semana. As atividades reunidas na subcategoria “esportes e atividades ao ar livre” são mais praticadas pelos indivíduos inclusos no estrato *(V) Alto*, os quais despendem em média 13,60 minutos; já os indivíduos inclusos no estrato *(II) Médio-Inferior* despendem menos tempo nessas atividades, ou seja, despendem 8,06 minutos em média em um dia de semana. Com relação às atividades agrupadas em “hobbies e jogos”, o estrato *(IV) Médio-Superior* despende a maior média de tempo, qual seja, 15,70 minutos, enquanto o estrato *(II) Médio-Inferior* despende a menor média, qual seja, 2,75 minutos em um dia de semana. As atividades agrupadas em “meios de comunicação de massa” mostram uma tendência mais clara em termos de preferência entre os estratos ocupacionais. Os estratos de menor *status* tendem a dedicar-se mais tempo a essas atividades, sendo que o estrato *(I) Baixo Inferior e Baixo Superior* possui a maior média (119,55 minutos) e o estrato *(V) Alto* possui a menor média (84,27 minutos em um dia de semana).

**TABELA 6 – Média de tempo em minutos das sub-categorias de atividades de lazer entre os estratos ocupacionais em um dia de semana**

<b>Estratos Ocupacionais</b>	<b>Trabalho Voluntário</b>	<b>Vida Social e Lazer</b>	<b>Esportes e Atividades ao Ar Livre</b>	<b>Hobbies e Jogos</b>	<b>Meios de Comunicação de Massa</b>
<b>(I) Baixo Inferior e Baixo Superior</b>	0,71	50,94	10,97	4,14	119,55
<b>(II) Médio-Inferior</b>	0,00	36,03	8,06	2,75	110,03
<b>(III) Médio-Médio</b>	2,24	48,97	12,94	8,82	90,78
<b>(IV) Médio-Superior</b>	0,00	38,48	12,35	15,70	102,26
<b>(V) Alto</b>	0,00	31,38	13,60	11,25	84,27

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Para estabelecermos outro tipo de relação entre a dimensão da estratificação social e a dimensão do tempo de lazer em um dia de semana, podemos utilizar um modelo de regressão linear simples que permite dizer quantos minutos a mais ou a menos temos à medida que se aumenta um grau na escala do Índice de *Status* Sócio-Econômico. Serão utilizadas, portanto, duas variáveis contínuas: o tempo de lazer e o Índice de *Status* Sócio-Econômico (ao invés de utilizar os estratos ocupacionais).

A variável contínua “Índice de *Status* Sócio-Econômico” foi “centralizada” (a média do índice foi subtraída do índice geral), ou seja, foi transformada numa nova variável para impedir que o modelo de regressão seja gerado com base em um indivíduo que não possui *status* sócio-econômico. Quando utilizamos a variável centralizada, o modelo é calculado com base no indivíduo médio, tornando a equação de regressão consistente.

A tabela 7 abaixo apresenta os resultados do modelo. Segundo os resultados, o tempo de lazer em um dia de semana diminui à medida que cresce o *status* sócio-econômico da ocupação. O grau de significância da relação entre o tempo de lazer em um dia de semana e o Índice de *Status* Sócio-Econômico é maior que 0,05 (sig.=0,127) levando-se em conta o intervalo de confiança de 95%. Portanto, confirmando os resultados obtidos com o Teste ANOVA, a relação entre essas duas variáveis não pode ser considerada significativa.

**TABELA 7 – Modelo de regressão linear simples do tempo de lazer como variável dependente e do índice de *status* sócio-econômico como variável independente para um *dia de semana***

	Coeficientes				t	Sig.
	Não padronizados		Padronizados			
	B	Erro padrão	$\beta$			
Constante	165,992	5,566	-0,064		29,820	0,000
Índice de status socioeconômico centralizado	-0,562	0,367			-1,529	0,127

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Tendo em vista os testes realizados e os resultados apresentados, podemos afirmar que não há relação significativa entre a dimensão da estratificação social e o tempo de lazer em um dia de semana, apesar da tendência apresentada no modelo, qual seja, quanto maior o *status* sócio-econômico da ocupação, menor é o tempo de dedicação às atividades de lazer em um dia de semana. Entre os estratos superiores, como estes tendem a despende mais tempo em atividades de trabalho remunerado, o tempo dedicado ao lazer é sacrificado. Já entre os estratos de *status* inferior, outras atividades que não o trabalho interferem na alocação de tempo em atividades de lazer em um dia de semana.

## V.2. Trabalho Remunerado em um Dia de Semana

Da mesma forma como foi feito acima, apresentarei as médias de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana entre os estratos ocupacionais e, posteriormente, será realizado o Teste ANOVA para detectar se a diferença entre as médias é estatisticamente significativa.

De acordo com a tabela 8 abaixo, o estrato (I) *Baixo Inferior e Baixo Superior* apresenta a menor média de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana, qual seja, 389,31 minutos. Já o estrato ocupacional (V) *Alto* apresenta a maior média, qual seja, 545,93 minutos.

**TABELA 8 – Média de tempo de trabalho remunerado entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um dia de semana**

<b>Estrato Ocupacional</b>	<b>Média (min.)</b>	<b>Desvio-Padrão (min.)</b>
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	389,31	257,88
(II) Médio-Inferior	433,07	236,32
(III) Médio-Médio	450,56	209,81
(IV) Médio-Superior	440,71	222,61
(V) Alto	545,93	180,50
<b>Total dos Indivíduos (n=563)</b>	<b>440,69</b>	<b>230,12</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

No que diz respeito ao Teste ANOVA apresentado na tabela 9 abaixo, o grau de significância apresentado (sig.= 0,0004) foi inferior a 0,05, o que permite dizer que a variância de tempo entre os estratos ocupacionais é maior do que dentro dos mesmos. Portanto, pode-se afirmar que a diferença entre as médias de trabalho remunerado em um dia de semana apresentada na tabela 6 acima é estatisticamente significativa.

**TABELA 9 – Teste ANOVA do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um dia de semana**

	Soma dos Quadrados	df	Média dos Quadrados	F	Sig.
<b>Entre Grupos</b>	1067955,66	4	266988,9149	5,191314	0,00041167
<b>Dentro dos Grupos</b>	28697899,64	558	51429,92768		
<b>Total</b>	29765855,3	562			

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Como se pode observar, o Teste ANOVA permite apenas afirmações gerais. Já que se obteve tal resultado, podemos explorar de forma mais minuciosa a diferença entre as médias utilizando o Teste Bonferroni (Teste de Comparações Múltiplas) que permite avaliar a diferença de tempo entre os pares de estratos ocupacionais para os quais a relação se apresentar estatisticamente significativa.

De acordo com a tabela 10 abaixo, são significativas as diferenças entre as médias de tempo do estrato (I) *Baixo Inferior e Baixo Superior* e o estrato (V) *Alto*, entre o estrato (II) *Médio-Inferior* e o estrato (V) *Alto* e entre o estrato (III) *Médio-Médio* e o estrato (V) *Alto*. O estrato (V) *Alto* apresenta em média 156,62 minutos a mais de trabalho remunerado em um dia de semana em relação ao estrato (I) *Baixo Inferior e Baixo Superior*; em média 112,86 minutos a mais de trabalho remunerado em um dia de semana em relação ao estrato (II) *Médio-Inferior*; e em média 95,38 minutos a mais de trabalho remunerado em um dia de semana em relação ao estrato (III) *Médio-Médio*.



**TABELA 10 – Teste Bonferroni para comparações múltiplas do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um dia de semana**

Comparações Múltiplas - Teste Bonferroni		Diferença Entre as Médias (I-J)	Erro-Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança (95%)	
(I) estratos ocupacionais	(J) estratos ocupacionais				Margem inferior	Margem Superior
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	Médio-Inferior	-43,76	27,83	1,00	-122,19	34,67
	Médio-Médio	-61,25	24,40	0,12	-130,02	7,53
	Médio-Superior	-51,40	50,97	1,00	-195,04	92,25
(II) Médio-Inferior	Alto	<b>-156,62</b>	34,95	<b>0,00</b>	-255,12	-58,13
	Baixo Inferior e Baixo Superior	43,76	27,83	1,00	-34,67	122,19
	Médio-Médio	-17,49	25,71	1,00	-89,95	54,98
	Médio-Superior	-7,63	51,61	1,00	-153,08	137,81
	Alto	<b>-112,86</b>	35,88	<b>0,02</b>	-213,97	-11,75
(III) Médio-Médio	Baixo Inferior e Baixo Superior	61,25	24,40	0,12	-7,53	130,02
	Médio-Inferior	17,49	25,71	1,00	-54,98	89,95
	Médio-Superior	9,85	49,84	1,00	-130,62	150,32
	Alto	<b>-95,38</b>	33,29	<b>0,04</b>	-189,19	-1,56
(IV) Médio-Superior	Baixo Inferior e Baixo Superior	51,40	50,97	1,00	-92,25	195,04
	Médio-Inferior	7,63	51,61	1,00	-137,81	153,08
	Médio-Médio	-9,85	49,84	1,00	-150,32	130,62
(V) Alto	Alto	-105,23	55,77	0,60	-262,40	51,95
	Baixo Inferior e Baixo Superior	<b>156,62</b>	34,95	<b>0,00</b>	58,13	255,12
	Médio-Inferior	<b>112,86</b>	35,88	<b>0,02</b>	11,75	213,97
	Médio-Médio	<b>95,38</b>	33,29	<b>0,04</b>	1,56	189,19
	Médio-Superior	105,23	55,77	0,60	-51,95	262,40

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Para estabelecermos outro tipo de relação entre a dimensão da estratificação social (representada aqui pelo Índice de *Status* Sócio-Econômico) e a dimensão do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana, utilizaremos um modelo de regressão linear simples, apresentado na tabela 11 abaixo. Os resultados são significativos tendo em vista que o grau de significância é inferior a 0,05 (sig.=0,000). Podemos dizer, então, levando-se em conta o valor de B, que a cada ponto que se sobe na escala do Índice de *Status* Sócio-Econômico aumenta-se em 2,327 minutos o tempo de trabalho remunerado em um dia de semana entre os indivíduos que compõem a população adulta economicamente ativa.

**TABELA 11 – Modelo de regressão linear simples do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e do índice de status sócio-econômico como variável independente para um dia de semana**

	Coeficientes			
	Não padronizados		Padronizados	
	B	Erro padrão	$\beta$	t
Constante	440,619	9,591		45,940
Índice status socioeconômico centralizado	<b>2,327</b>	0,633	0,153	3,677
				<b>0,000</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Tendo em vista tais informações podemos dizer que, à medida que aumenta o *status* das ocupações representadas pelos estratos ocupacionais, maior é a dedicação ao trabalho remunerado em um dia de semana. Dito de outra forma, à medida que a ocupação do indivíduo requer maior grau de escolaridade e maiores ganhos, maior é o dispêndio de tempo em trabalho remunerado em um dia de semana pelo mesmo indivíduo. Esse resultado corrobora os achados de Gershuny (2005a; 2005b) quando o mesmo analisou dados longitudinais elaborados a partir de pesquisas de usos do tempo na Inglaterra. Apesar da relação entre o tempo de lazer e o índice de *status* sócio-econômico não se ter apresentado significativa, os resultados do modelo de regressão revelaram a tendência de quando maior o *status* sócio-econômico da ocupação, menor é o tempo de dedicação ao lazer em um dia de semana.

***VI - ANÁLISE DOS DADOS PARA UM  
DIA DE FIM DE SEMANA***

Este capítulo é dedicado à análise das atividades de trabalho remunerado e lazer em um dia de fim de semana. Entre os indivíduos que responderam o diário de usos do tempo em um dia de fim de semana (sábado ou domingo) e levando-se em conta a distribuição dos mesmos entre os estratos ocupacionais, temos os seguintes dados de acordo com a tabela 12:

**TABELA 12 – Distribuição dos indivíduos por estratos ocupacionais da sub-amostra para um dia de fim de semana**

<b>Estrato Ocupacional</b>	<b>(n)</b>	<b>(%)</b>
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	146	25,70
(II) Médio-Inferior	123	21,50
(III) Médio-Médio	213	37,30
(IV) Médio-Superior	28	4,90
(V) Alto	61	10,70
<b>Total</b>	<b>571</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Os indivíduos que exercem trabalho remunerado em ocupações classificadas como *(I) Baixo Inferior e Baixo Superior* representam 25,70% da sub-amostra; já os indivíduos classificados no estrato *(II) Médio-Inferior* representam 21,50%; os indivíduos classificados no estrato *(III) Médio-Médio* representam 37,30%; os indivíduos classificados no estrato *(IV) Médio-Superior* representam 4,90%; e, enfim, os indivíduos classificados em ocupações que compõem o estrato *(V) Alto* representam 10,70% da sub-amostra para um dia de fim de semana. Como se pode perceber, as sub-amostras para um dia de semana e para um dia de fim de semana, apesar de apresentarem um (n) diferente, possuem praticamente a mesma proporção de indivíduos nos estratos ocupacionais.

## VI.1. Lazer em um Dia de Fim de Semana

Como feito anteriormente, primeiramente observaremos as médias e os desvios-padrão referentes ao tempo de lazer em um dia de fim de semana, como apresentado na tabela 13 abaixo:

**TABELA 13 – Média de tempo de lazer em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um *dia de fim de semana***

Estrato Ocupacional	Média (min.)	Desvio-Padrão (min.)
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	349,14	215,74
(II) Médio-Inferior	302,59	218,30
(III) Médio-Médio	347,25	188,91
(IV) Médio-Superior	319,69	181,75
(V) Alto	421,24	235,64
<b>Total dos Indivíduos (n=571)</b>	<b>344,66</b>	<b>209,19</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

O estrato *(V) Alto* apresenta a maior média de tempo de lazer em um dia de fim de semana, qual seja, 421,24 minutos. Já o estrato *(II) Médio-Inferior* apresenta a menor média de tempo de lazer em um dia de fim de semana, qual seja, 302,59 minutos. Como é possível observar, os desvios-padrão relativos à distribuição do tempo de lazer também é muito alto em relação à média (apesar de serem inferiores se comparados aos desvios-padrão da média de tempo de lazer em um dia de semana), o que revela que os estratos ocupacionais apresentam grande variabilidade ao analisarmos tal dimensão em um dia de fim de semana.

Para estabelecermos se realmente as diferenças entre as médias são estatisticamente significativas, devemos lançar mão do Teste ANOVA, como feito anteriormente.

De acordo com a tabela 14 abaixo podemos dizer que a relação entre o tempo de lazer e os estratos ocupacionais é significativa para um dia de fim de semana, pois o grau de

significância (sig.= 0,0083) é inferior a 0,05. Portanto, podemos dizer que as diferenças entre as médias que foram apresentadas na tabela 14 são válidas em termos estatísticos para um intervalo de confiança de 95%.

Podemos dizer que há uma tendência de os indivíduos dos estratos superiores dedicarem-se mais ao lazer do que os indivíduos dos estratos inferiores, apesar de o estrato (II) Médio-Inferior apresentar média menor de tempo de lazer em um dia de fim de semana com relação ao estrato (IV) Médio-Superior. Porém, o primeiro apresenta um desvio padrão muito alto com relação à média, o que quer dizer que este estrato possui uma grande variabilidade interna, fato que não ocorre com o segundo estrato citado, que apresenta menor variabilidade interna.

**TABELA 14 – Teste ANOVA do tempo de lazer como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um *dia de fim de semana***

	Soma dos quadrados	Df	Média dos Quadrados	F	Sig.
<b>Entre Grupos</b>	595594,350	4	148898,587	3,45637	0,00837
<b>Dentro dos Grupos</b>	24339874,324	565	43079,423		
<b>Total</b>	24935468,674	569			

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Tendo em vista o resultado da tabela 14 acima, podemos realizar o Teste Bonferroni (tabela 15) para sabermos em quais pares de estratos a relação entre tempo de lazer em um dia de fim de semana e os estratos ocupacionais é significativa e de quanto é a diferença entre as médias.

De acordo com a tabela 15 abaixo, o Teste Bonferroni de comparações múltiplas indicou que somente a diferença entre as médias de lazer em um dia de fim de semana entre os estratos (II) *Médio-Inferior* e (V) *Alto* é significativa levando-se em conta o intervalo de confiança de 95%. O estrato (V) *Alto* tem em média 118,65 minutos de lazer a mais que o estrato (II) *Médio-Inferior* em um dia de fim de semana.

**TABELA 15 – Teste Bonferroni para comparações múltiplas do tempo de lazer como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um dia de fim de semana**

Comparações Múltiplas - Teste Bonferroni		Diferença Entre as Médias (I-J)	Erro-Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança (95%)	
(I) estratos ocupacionais	(J) estratos ocupacionais				Margem Inferior	Margem Superior
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	Médio-Inferior	46,56	25,41	0,6741	-25,04	118,16
	Médio-Médio	1,90	22,29	1,0000	-60,91	64,70
	Médio-Superior	29,46	42,68	1,0000	-90,82	149,74
(II) Médio-Inferior	Alto	-72,10	31,66	0,2316	-161,33	17,14
	Baixo Inferior e Baixo Superior	-46,56	25,41	0,6741	-118,16	25,04
	Médio-Médio	-44,66	23,53	0,5825	-110,98	21,66
	Médio-Superior	-17,10	43,35	1,0000	-139,25	105,06
	Alto	-118,65	32,56	0,0029	-210,40	-26,91
(III) Médio-Médio	Baixo Inferior e Baixo Superior	-1,90	22,29	1,0000	-64,70	60,91
	Médio-Inferior	44,66	23,53	0,5825	-21,66	110,98
	Médio-Superior	27,56	41,59	1,0000	-89,66	144,78
	Alto	-73,99	30,18	0,1453	-159,05	11,06
(IV) Médio-Superior	Baixo Inferior e Baixo Superior	-29,46	42,68	1,0000	-149,74	90,82
	Médio-Inferior	17,10	43,35	1,0000	-105,06	139,25
	Médio-Médio	-27,56	41,59	1,0000	-144,78	89,66
	Alto	-101,55	47,29	0,3217	-234,81	31,70
	Baixo Inferior e Baixo Superior	72,10	31,66	0,2316	-17,14	161,33
(V) Alto	Médio-Inferior	118,65	32,56	0,0029	26,91	210,40
	Médio-Médio	73,99	30,18	0,1453	-11,06	159,05
	Médio-Superior	101,55	47,29	0,3217	-31,70	234,81

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

De acordo com a tabela 16 abaixo, podemos observar a diferença entre os estratos quando levamos em conta as sub-categorias de atividades de lazer descritas no item “Quadro Operacional da Pesquisa” (capítulo IV, item 3). Os indivíduos inclusos no estrato (III) *Médio-Médio* apresentam maior média de tempo despendido em “trabalho voluntário” em um dia de fim de semana, qual seja, 3,16 minutos e o estrato (IV) *Médio-Superior* não exerce essa atividade no período de tempo analisado. Já com relação ao tempo despendido em “vida social e lazer”, o estrato (V) *Alto* apresenta a maior média, qual seja, 165,47 minutos, e o estrato (II) *Médio-Inferior* apresenta a menor média, qual seja, 123,85 minutos em um dia de fim de semana. As atividades reunidas na sub-categoria “esportes e atividades ao ar livre” são mais praticadas pelos indivíduos inclusos no estrato (V) *Alto*, os quais despendem em média 25,60 minutos; já os indivíduos inclusos no estrato (III) *Médio-Médio* despendem menos tempo nessas atividades, ou seja, despendem 6,06 minutos em média em um dia de fim de semana. Com relação às atividades agrupadas em “hobbies e jogos”, o estrato (V) *Alto* despende a maior média de tempo, qual seja, 64,28 minutos, enquanto o estrato (II) *Médio-Inferior* despende a menor média, qual seja, 8,92 minutos em um dia de fim de semana. Entre as atividades agrupadas em “meios de comunicação de massa”, o estrato (I) *Baixo Inferior e Baixo Superior* possui a maior média ( 178,71 minutos) e o estrato (IV) *Médio-Superior* possui a menor média (135,13 minutos em um dia de fim de semana).

**TABELA 16 – Média de tempo em minutos das sub-categorias de atividades de lazer entre os estratos ocupacionais em um dia de fim de semana**

<b>Estratos Ocupacionais</b>	<b>Trabalho Voluntário</b>	<b>Vida Social e Lazer</b>	<b>Esportes e Atividades ao Ar Livre</b>	<b>Hobbies e Jogos</b>	<b>Meios de Comunicação de Massa</b>
<b>(I) Baixo Inferior e Baixo Superior</b>	1,62	133,57	19,68	15,56	178,71
<b>(II) Médio-Inferior</b>	0,65	123,85	14,64	8,92	154,53
<b>(III) Médio-Médio</b>	3,16	144,36	6,06	15,25	178,41
<b>(IV) Médio-Superior</b>	0,00	136,94	16,88	30,73	135,13
<b>(V) Alto</b>	0,13	165,47	25,60	64,28	165,77

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Para estabelecermos outro tipo de relação entre a dimensão da estratificação social (representada aqui pelo Índice de *Status* Sócio-Econômico) e a dimensão do tempo de lazer em um dia de fim de semana, utilizaremos novamente o modelo de regressão linear simples, apresentado na tabela 17 abaixo. Os resultados são significativos tendo em vista que o grau de significância é inferior a 0,05 (sig.=0,011). Podemos dizer, então, levando-se em conta o valor de B, que a cada ponto que se sobe na escala do Índice de *Status* Sócio-Econômico aumenta-se em 1,451 minutos o tempo de lazer em um dia de fim de semana. Diferentemente do lazer em um dia de semana, que não apresentou diferenças significativas entre os estratos, o lazer em um dia de fim de semana apresenta uma relação significativa. Em dias de fim de semana, portanto, os estratos superiores tendem a depender mais tempo em atividades de lazer do que os estratos inferiores.

**TABELA 17 – Modelo de regressão linear simples do tempo de lazer como variável dependente e do índice de *status* sócio-econômico como variável independente para um *dia de fim de semana***

	Coeficientes			
	Não padronizados		Padronizados	
	B	Erro padrão	$\beta$	t
Constante	344,661	8,715		39,550
Índice status socioeconômico centralizado	1,451	0,571	0,106	2,539
				0,000
				0,011

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Tendo em vista os testes realizados e os resultados apresentados, podemos afirmar que à medida que aumenta o *status* da ocupação do indivíduo, maior é a probabilidade de ele despende mais tempo em atividades de lazer em um dia de fim de semana. Se os indivíduos agrupados nos estratos superiores não têm uma dedicação ao lazer diferenciada, em termos quantitativos, dos indivíduos de estratos inferiores, no que diz respeito ao fim de semana eles apresentam maior dedicação ao lazer do que os últimos. Ou seja, os indivíduos dos estratos superiores apresentam a tendência de alocar o tempo de dedicação ao trabalho remunerado em dias de semana e podem, portanto, liberar os dias de fim de semana para a prática de lazer.

## **VI.2. Trabalho Remunerado em um Dia de Fim de Semana**

Como feito na análise do período de tempo em um dia de semana, primeiramente analisarei as médias de tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana entre os estratos ocupacionais e, posteriormente, será realizado o Teste ANOVA para detectar se a diferença entre as médias é estatisticamente significativa.

De acordo com a tabela 18 abaixo, o estrato (II) *Médio-Inferior* apresenta a maior média de tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana, qual seja, 234,00 minutos. Já o estrato ocupacional (V) *Alto* apresenta a menor média, qual seja, 135,47 minutos.

**TABELA 18 – Média de tempo de trabalho remunerado em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um dia de fim de semana**

Estrato Ocupacional	Média (min.)	Desvio-Padrão (min.)
<b>(I) Baixo Inferior e Baixo Superior</b>	150,58	249,04
<b>(II) Médio-Inferior</b>	234,00	280,86
<b>(III) Médio-Médio</b>	143,90	260,87
<b>(IV) Médio-Superior</b>	128,62	201,64
<b>(V) Alto</b>	135,47	238,27
<b>Total dos Indivíduos (n=571)</b>	<b>163,31</b>	<b>259,37</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

No que diz respeito ao Teste ANOVA apresentado na tabela 19 abaixo, o grau de significância apresentado (sig.= 0,01807) foi inferior a 0,05. Portanto, pode-se afirmar que a diferença entre as médias de trabalho remunerado em um dia de fim de semana apresentada na tabela 18 acima é estatisticamente significativa levando-se em conta o intervalo de confiança de 95%. Porém, como as médias indicam, não há uma relação clara entre nível de *status* dos estratos ocupacionais e o tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana.

**TABELA 19 – Teste ANOVA do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um dia de fim de semana**

	Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	Sig.
<b>Entre Grupos</b>	797642,55	4	199410,63	3,003	0,01807
<b>Dentro dos Grupos</b>	37524017,31	565	66414,18		
<b>Total</b>	38321659,86	569			

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Como se pode observar, o Teste ANOVA permite apenas afirmações gerais. Já que se obteve tal resultado, podemos explorar de forma mais minuciosa a diferença entre as

médias utilizando o Teste Bonferroni (Teste de Comparações Múltiplas) que permite avaliar a diferença de tempo entre os pares de estratos ocupacionais para os quais a relação se apresentar estatisticamente significativa.

De acordo com a tabela 20 abaixo, é significativa somente a diferença entre as médias de tempo do estrato *(II) Médio-Inferior* e o estrato *(III) Médio-Médio*. O estrato *(II) Médio-Inferior* apresenta em média 90,10 minutos a mais de trabalho remunerado em um dia de fim de semana em relação ao estrato *(III) Médio-Médio*.

**TABELA 20 – Teste Bonferroni para comparações múltiplas do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e dos estratos ocupacionais como variável independente da sub-amostra para um dia de fim de semana**

Comparações Múltiplas - Teste Bonferroni		Diferença Entre as Médiase (I-J)	Desvio- Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança (95%)	
(I) estratos ocupacionais	(J) estratos ocupacionais				Margem Inferior	Margem Superior
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	Médio-Inferior	-83,42	31,55	0,08	-172,32	5,48
	Médio-Médio	6,68	27,67	1,00	-71,30	84,66
	Médio-Superior	21,96	53,00	1,00	-127,39	171,30
	Alto	15,11	39,32	1,00	-95,68	125,91
(II) Médio-Inferior	Baixo Inferior e Baixo Superior	83,42	31,55	0,08	-5,48	172,32
	Médio-Médio	<b>90,10</b>	29,22	<b>0,02</b>	7,75	172,45
	Médio-Superior	105,38	53,82	0,51	-46,29	257,05
	Alto	98,53	40,42	0,15	-15,38	212,45
(III) Médio-Médio	Baixo Inferior e Baixo Superior	-6,68	27,67	1,00	-84,66	71,30
	Médio-Inferior	<b>-90,10</b>	29,22	<b>0,02</b>	-172,45	-7,75
	Médio-Superior	15,28	51,65	1,00	-130,26	160,82
	Alto	8,44	37,48	1,00	-97,18	114,05
(IV) Médio-Superior	Baixo Inferior e Baixo Superior	-21,96	53,00	1,00	-171,30	127,39
	Médio-Inferior	-105,38	53,82	0,51	-257,05	46,29
	Médio-Médio	-15,28	51,65	1,00	-160,82	130,26
	Alto	-6,85	58,71	1,00	-172,31	158,62
(V) Alto	Baixo Inferior e Baixo Superior	-15,11	39,32	1,00	-125,91	95,68
	Médio-Inferior	-98,53	40,42	0,15	-212,45	15,38
	Médio-Médio	-8,44	37,48	1,00	-114,05	97,18
	Médio-Superior	6,85	58,71	1,00	-158,62	172,31

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Se analisarmos separadamente os dias de fim de semana (sábado e domingo) – como apresentado na tabela 21 abaixo – podemos observar que o sábado, como era de se esperar, é um dia de maior dedicação ao trabalho remunerado do que o domingo. O estrato (II) *Médio-Inferior* mantém a tendência de agrupar indivíduos que dedicam as maiores médias de tempo de trabalho remunerado no sábado e no domingo. Os estratos de maior *status*, quais sejam, (IV) *Médio-Superior* e (V) *Alto* reduzem de forma significativa (redução de 89% e 79%, respectivamente) o tempo de trabalho remunerado no domingo em relação ao sábado, enquanto que entre os outros estratos, quais sejam, (I) *Baixo Inferior e Baixo Superior*; (II) *Médio-Inferior* e (III) *Médio-Médio*, o tempo de dedicação ao trabalho reduz de forma menos acentuada (redução de 62%, 43% e 51%, respectivamente).

**TABELA 21 – Média de tempo de trabalho remunerado em minutos entre os estratos ocupacionais da sub-amostra para um dia de fim de semana dividida em sábado e domingo**

Estrato Ocupacional	Média (min.)	
	Sábado	Domingo
(I) Baixo Inferior e Baixo Superior	218,51	81,23
(II) Médio-Inferior	307,681	174,48
(III) Médio-Médio	199,23	96,98
(IV) Médio-Superior	245,96	26,30
(V) Alto	223,41	46,86

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Para estabelecermos outro tipo de relação entre a dimensão da estratificação social (representada aqui pelo Índice de *Status* Sócio-Econômico) e a dimensão do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana, utilizaremos novamente o modelo de regressão linear simples, apresentado na tabela 22 abaixo. Os resultados são significativos tendo em vista que o grau de significância é inferior a 0,05 (sig.=0,015). Podemos dizer, então, levando-se em conta o valor de B, que a cada ponto que se eleva na escala do Índice de *Status* Sócio-Econômico, diminui-se em 1,727 minutos o tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana.

**TABELA 22 – Modelo de regressão linear simples do tempo de trabalho remunerado como variável dependente e do índice de *status* sócio-econômico como variável independente para um *dia de fim de semana***

	Coeficientes			
	Não padronizados		Padronizados	
	B	Erro padrão	$\beta$	t
Constante	163,315	10,808		15,110
Índice status socioeconômico centralizado	<b>-1,727</b>	0,709	-0,102	-2,436
				<b>0,015</b>

Fonte: Dados primários da Pesquisa de Neuma Aguiar: “Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado – Análise dos Usos do Tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, UFMG/CNPq, 2003.

Tendo em vista os resultados acima apresentados, podemos afirmar que à medida que cresce o *status* da ocupação do indivíduo, maior é a probabilidade do mesmo despende menos tempo em atividades de trabalho remunerado. Isso explica o fato de os indivíduos situados nos estratos superiores se dedicarem mais tempo ao lazer em dias de fim de semana, pois os mesmos diminuem o tempo dedicado ao trabalho remunerado no mesmo período de tempo. Já os estratos inferiores, como apresentam a tendência relativa de se dedicarem mais ao trabalho remunerado em um dia de fim de semana, despendem menos tempo em atividades de lazer neste período de tempo.

## ***VII - CONCLUSÕES***

As análises realizadas tiveram como objetivo traçar a relação entre a dimensão da estratificação social e a distribuição de tempo em atividades diárias, inspirado nas teorias de Veblen (1965), enfatizando prioritariamente o tempo de lazer e o tempo de trabalho remunerado. Levou-se em conta que a semana de sete dias é dividida entre dias de semana (segunda a sexta-feira) e dias de fim de semana (sábado e domingo).

Tendo em vista as idéias apresentadas por Gershuny (2005a, 2005b) no capítulo II, esperava-se que os indivíduos que exercem atividades que envolvem maior investimento em escolaridade e formação profissional e que, portanto, envolvem também maiores ganhos financeiros, apresentassem maior tempo de dedicação às atividades de trabalho remunerado em relação aos indivíduos que exercem ocupações de menor *status* sócio-econômico e, portanto, menor também seria a dedicação a atividades de lazer.

Essa hipótese foi corroborada em parte, já que as análises foram divididas em dois períodos de tempo (dias de semana e dias de fim de semana). As conclusões são apresentadas abaixo de forma sucinta:

- 1- *Lazer em um Dia de Semana*: não há relação significativa entre a dimensão da estratificação social e o tempo de lazer em um dia de semana;
- 2- *Lazer em um Dia de Fim de Semana*: quanto maior é o *status* da ocupação do indivíduo, maior é a probabilidade do mesmo despende *mais* tempo em atividades de lazer em um dia de fim de semana;
- 3- *Trabalho Remunerado em um Dia de Semana*: quanto maior é o *status* da ocupação do indivíduo, maior é a probabilidade do mesmo despende *mais* tempo em atividades de trabalho remunerado em um dia de semana;
- 4- *Trabalho Remunerado em um Dia de Fim de Semana*: quanto maior o *status* da ocupação do indivíduo, maior é a probabilidade do mesmo despende *menos* tempo em atividades de trabalho remunerado em um dia de fim de semana.

Podemos afirmar que, entre os indivíduos que compõem a população adulta economicamente ativa de Belo Horizonte, os que exercem ocupações de maior *status* sócio-econômico despendem mais tempo com atividades de trabalho remunerado em um dia de semana do que os indivíduos que exercem ocupações de menor *status* sócio-econômico.

Já em relação ao lazer em um dia de semana, não há uma diferença quantitativa, mas sim, qualitativa. Os indivíduos que exercem ocupações de maior *status* sócio-econômico tendem a preferir as atividades incluídas nas sub-categorias de atividades de lazer “esportes e atividades ao ar livre” e “hobbies e jogos”. Já os indivíduos que exercem ocupações de menor *status* sócio-econômico tendem a preferir as atividades incluídas nas sub-categorias de atividades de lazer “vida social e lazer” e “meios de comunicação de massa” (para exemplos de atividades classificadas nessas categorias, há uma exposição breve no item IV.3).

No que diz respeito às atividades de lazer realizadas em um dia de fim de semana há um aumento na dedicação às atividades de “vida social e lazer” e “hobbies e jogos” por parte dos indivíduos que exercem ocupações de maior *status* sócio-econômico. Já as atividades “esportes e atividades ao ar livre” e “meios de comunicação de massa” não apresentam uma relação clara com a estratificação social para o mesmo período de tempo. No geral, os indivíduos agrupados entre as categorias ocupacionais de maior *status* tendem a despende mais tempo em atividades de lazer em um dia de fim de semana, em relação aos indivíduos agrupados em categorias ocupacionais de menor *status*.

Por fim, a dedicação ao trabalho remunerado em um dia de fim de semana apresenta uma relação inversa se compararmos com a mesma atividade em um dia de semana. Os indivíduos que exercem ocupações de maior *status* sócio-econômico tendem a dedicar-se menos a essa atividade do que os indivíduos exercem ocupações de menor *status* sócio-econômico nesse período de tempo.

Podemos concluir de forma sintética que existe na capital mineira uma “classe dos que trabalham” (“working class”), composta tanto pelos indivíduos mais bem colocados na hierarquia social, quanto pelos que se situam nas faixas inferiores da escala<sup>10</sup>. Entretanto, detectamos diferenças importantes na alocação de tempo em atividades diárias, diferenças essas que dependem da posição que o indivíduo ocupa no leque de categorias ocupacionais (que levam em conta a renda e a escolaridade como critério de classificação).

Não é o caso de dizer quais são as ocupações que engendram mais ou menos tempo de trabalho e de lazer, mas sim, entender como ocorre a dinâmica social de distribuição do tempo. Como vimos, os indivíduos que exercem ocupações de *status* sócio-econômico de menor *status* tendem a alocar mais tempo em trabalho remunerado em dia de fim de semana do que os indivíduos que exercem ocupações de maior *status* sócio-econômico<sup>11</sup>. Se levarmos em conta o conjunto dos sete dias que compõem a semana, percebemos que as desigualdades se dão mais em termos de organização e divisão do tempo do que exatamente na quantidade de tempo despendidas nas atividades. Isso quer dizer que os indivíduos situados em ocupações de maior *status* têm o privilégio de organizar de forma mais estruturada o tempo de trabalho remunerado, algo que é mais difícil entre os indivíduos que exercem ocupações de menor *status*, que não têm uma clara definição dos dias de trabalho e dos dias de descanso. Como a atividade de trabalho remunerado é um fator estruturante na organização das atividades diárias, alguns indivíduos têm vantagens na administração do próprio tempo.

Lembramos ainda que, pelo fato de utilizarmos uma amostra probabilística, a representação dos indivíduos que se situam nos extremos da hierarquia social é

---

<sup>10</sup> Os indivíduos situados nas faixas inferiores da hierarquia social, portanto, que apresentam baixo grau de instrução, correspondem aos trabalhadores informais e temporários. Quando observamos o grupo como um todo, os que conseguem realizar algum tipo trabalho remunerado estão submetidos a uma jornada de longas horas, porém, de forma inconstante quando observamos a seqüência dos dias. Também devemos observar que, enquanto esses indivíduos são submetidos a tal desgaste, outros tantos não realizaram nenhum tipo de trabalho remunerado. Esse desequilíbrio na divisão do tempo de trabalho social é o grande causador do “efeito desorganizacional” do qual sofre o cotidiano dos indivíduos menos escolarizados e que apresentam menor renda.

<sup>11</sup> Tal conclusão já fora apresentada em trabalho anterior (Neubert, 2003).

prejudicada. Portanto, os indivíduos muito ricos (que possuem grandes montas de capital fixo e que, por isso mesmo, podem representar a classe ociosa na contemporaneidade) e os muito pobres (aqueles excluídos de qualquer registro oficial e que, por isso mesmo, não são incluídos em pesquisas por amostragem) não constam em nossas análises. Estudar esses grupos requer técnicas diferenciadas de pesquisa que sirvam, especificamente, para captar informações de grupos de pouca expressão.

## ***VIII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

AGUIAR, Neuma Figueiredo. **Tempo de Transformação no Nordeste**. Petrópolis: Vozes. 1980.

AGUIAR, Neuma Figueiredo. **Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado: análise dos usos do tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais: um projeto piloto para zonas metropolitanas brasileiras**. (apoio CNPq) Belo Horizonte. 2000. (mim.).

BOURDIEU, Pierre. Gosto de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ, R. (Org.) – **Pierre Bourdieu**. (Grandes Cientistas Sociais, 39), pp. São Paulo: Ática. 1983.

\_\_\_\_\_. Espaço Social e Poder Simbólico. In: **Coisas Ditas**, pp.149-168. São Paulo: ed. Brasiliense. 1990.

BRIGHTBILL, Charles K. **The challenge of leisure**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1960.

DE MASI, Domenico. **A Economia do Ócio**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante. 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Questionamento Teórico do Lazer**. Porto Alegre: CELAR. 1975.

\_\_\_\_\_. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1976.

\_\_\_\_\_. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1979.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Estúdio Nobel: SESC. 1994.

ELIAS, Norbert & Dunning, Eric. El Ocio en el Espectro del Tiempo Libre. In: **Deporte Y Ocio en el Proceso de la Civilización**. pp. 117-156. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica. 1992.

GAELEZA, Lenea. **Lazer: benção ou maldição?** Porto Alegre, RS: Ed. Sulina. 1979.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp. 1991.

GERSHUNY, Jonathan. **What do we do in Post-Industrial Society?** Tha Nature of Work and Leisure Time in 21<sup>st</sup> Century. Woking papers of the Institute for Social and Economic Research, paper 2005-7. Colchester: University of Essex. 2005a.

\_\_\_\_\_. **Busyness as the Badge of Honour for the New Superordinate Working Class**. Woking papers of the Institute for Social and Economic Research, paper 2005-9. Colchester: University of Essex. 2005b.

ERICKSON, Robert. & GOLDTHORPE, John H. **The constant flux: a study of class mobility in industrial societies**. New York : Oxford, 1993.

- GOMES, C. Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004
- HIRANO, Sedi. **Castas, Estamentos e Classes Sociais**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2002.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1971.
- LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: ed. Kairós. 1980.
- MARX, Karl. Fetichismo e Reificação. In: Ianni, Octavio (Org.) – **Marx**.(Grandes Cientistas Sociais, 10). São Paulo: Ed. Ática, 1996. p.159-172.
- NEUBERT, Luiz F. **Trabalho e Lazer em Belo Horizonte: análise da dinâmica social de distribuição do tempo de trabalho remunerado e do tempo de lazer entre os indivíduos ocupados na capital mineira**. 2003. (34 p.) Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - FAFICH/ UFMG. Belo Horizonte. 2003.
- NISBET, Robert A. **The Sociological Tradition**. New York : Basic Books. 1966.
- PARKER, Stanley. **A Sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.
- PASTORE, José. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor. 1979.
- PASTORE, José; DO VALLE SILVA, Nelson. **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000.
- PENTILAND, Weindy E. (et al.) **Time Use Research in the Social Sciences**. New York: Plenum Publishers. 1999.
- RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. **Dois estudos de mobilidade social no Brasil**. Revista Brasileira de C. Sociais. São Paulo, vol.15, no.44. out. 2000.
- SCALON, M. C. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências**. Rio de Janeiro: IUPERJ-UCAM.1999.
- SUE. Roger. **El Ocio**. México: Fondo de Cultura Económica. 1992.
- THOMPSON, E.P. Tempo, Disciplina de trabalho e o Capitalismo Industrial. In: **Costumes em Comum**. (pp. 267-304). São Paulo: Ed. Schwarcz.1998.
- TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1998.
- TUMIN, Melvin M. **Estratificação Social: as formas e funções da desigualdade**. São Paulo: Livraria Pioneira Ed. 1970.

VEBLEN, Thorstein. **A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições.** São Paulo: Ed. Pioneira. 1965.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Ed. Martin Claret. 2001.

WRIGHT MILLS, C. A elite do poder: militar, econômica e política. In H. Fernandes (org.), **Wright Mill.** São Paulo: Ática (Grandes Cientistas Sociais, 48). 1985.